

UNIVERSIDADE DO EXTREMO SUL CATARINENSE – UNESC

CURSO DE EDUCAÇÃO FÍSICA - LICENCIATURA

CRICHELE SALVARO

**A MANIFESTAÇÃO DA SEXUALIDADE DAS CRIANÇAS NAS AULAS
DE EDUCAÇÃO FÍSICA**

CRICIÚMA, JULHO DE 2012

CRICHELE SALVARO

**A MANIFESTAÇÃO DA SEXUALIDADE DAS CRIANÇAS NAS AULAS
DE EDUCAÇÃO FÍSICA**

Trabalho de Conclusão do Curso, apresentado para obtenção do grau de Licenciado no curso de Educação Física da Universidade do Extremo Sul Catarinense, UNESC.

Orientadora: Prof^a. MSc. Elisa Fátima Stradiotto

CRICIÚMA, JULHO DE 2012

CRICHELE SALVARO

**A MANIFESTAÇÃO DA SEXUALIDADE DAS CRIANÇAS NAS AULAS DE
EDUCAÇÃO FÍSICA**

Trabalho de Conclusão de Curso aprovado pela Banca Examinadora para obtenção do Grau de Licenciado no Curso de Educação Física da Universidade do Extremo Sul Catarinense, UNESC, com Linha de Pesquisa em Educação Física Escolar.

Criciúma, 03 de Julho de 2012.

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Elisa Fátima Stradiotto – Mestre – (UNESC) - Orientadora

Prof.^a Julia Hélio Lino Clasen – Mestre – (UNESC)

Prof. Carlos Augusto Euzébio – Mestre – (UNESC)

**Dedico este trabalho ao meu pai Roberto, à
minha mãe Izabel e ao meu amor e melhor
amigo, Maurício.**

AGRADECIMENTOS

Primeiramente agradeço meus pais, por me proporcionarem a oportunidade de uma formação acadêmica. Muito obrigada pela paciência, confiança e incentivo.

Meu namorado e companheiro Maurício, por seu apoio, compreensão e companheirismo.

Minha orientadora Elisa, por sua atenção, incentivo e por me fazer acreditar em meu próprio potencial.

Minha amiga Tamires, que esteve ao meu lado durante toda graduação e da qual me lembrarei por toda a vida.

Meus amigos que me aguentaram desde o início deste trabalho, e que já estão cansados de me ouvir falar em TCC.

Todos aqueles que de alguma forma, contribuíram para a realização deste trabalho.

“A sexualidade, enquanto possibilidade e alongamento de nós mesmos, de produção de vida e de existência, de gozo e de boniteza, exige de nós essa volta crítico-amorosa, essa busca de saber do nosso corpo. Não podemos estar sendo, autenticamente, no mundo e com o mundo se nos fechamos medrosos e hipócritas aos mistérios de nosso corpo ou se os tratamos, aos mistérios, cínica irresponsavelmente.”

Paulo Freire

RESUMO

O presente estudo realizado sob o título “As manifestações da sexualidade das crianças nas aulas de Educação Física” busca compreender como os professores de Educação Física lidam com manifestações de sexualidade de crianças em suas aulas, assim como verificar se a Educação Física pode contribuir no desenvolvimento da sexualidade das crianças. O tema sexualidade causa constrangimento no ambiente escolar e familiar devido à falta de diálogo sobre o assunto, por isso desenvolvemos esta pesquisa pensando na dificuldade de professores de Educação Física em lidar com situações em que crianças expressam sua sexualidade. Tendo em vista que as aulas de Educação Física estimulam a expressão corporal proporcionando as manifestações da sexualidade por meio de movimentos e interações, esta pesquisa tem como problemática compreender como a Educação Física pode contribuir no desenvolvimento da sexualidade das crianças. Portanto, o objetivo geral deste estudo é verificar se a Educação Física contribui no desenvolvimento da sexualidade das crianças e quais estas contribuições. Este estudo está baseado em uma pesquisa de campo com caráter descritivo e enfoque qualitativo, e para a realização desta pesquisa foram entrevistados quatro professores de Educação Física que atuam com crianças em turmas de Educação Infantil e séries iniciais em três escolas de Meleiro. O referencial teórico foi fundamentado nas ideias de Feltrin (2003), Silveira (2010), Nunes e Silva (2001), Souza (1999) e Meyer (1998) dentre outros. Por meio deste estudo foi possível constatar que os professores de Educação Física não sentem medo de falar sobre sexualidade em suas aulas, e apesar de não possuírem conhecimento para dialogar com seus alunos, eles conseguem adotar as melhores atitudes nestas ocasiões. Também se concluiu que a Educação Física pode contribuir no desenvolvimento da sexualidade das crianças por meio do diálogo, movimento, contato físico, expressão corporal e interação.

Palavras-chave: Sexualidade Infantil. Educação Física. Criança.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	9
2 COMPREENDENDO SEXUALIDADE E INFÂNCIA	11
2.1 História da sexualidade	11
2.1.1 Reflexões acerca de sexo e sexualidade	14
2.1.2 O desenvolvimento da sexualidade das crianças	15
2.2 História da criança	17
2.2.1 Criança: um cidadão com direitos	19
3 EDUCAÇÃO FÍSICA	21
3.1 Abordagens pedagógicas de Educação Física	21
4 A MANIFESTAÇÃO DA SEXUALIDADE EM UMA PERSPECTIVA CRÍTICO-EMANCIPATÓRIA	26
5 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	29
5.1 Caracterização da pesquisa	29
5.2 Sujeitos Colaboradores	29
5.3 Instrumentos utilizados para o levantamento de dados e sua operacionalidade	30
5.4 A escolha das categorias	30
6 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS	32
6.1 Categorias Selecionadas	32
6.2 CATEGORIA A - A concepção dos professores sobre sexualidade	32
6.3 CATEGORIA B – Manifestações da sexualidade das crianças e as atitudes dos docentes	34
6.4 CATEGORIA C – A contribuição das aulas de Educação Física no desenvolvimento da sexualidade das crianças	38
7 CONCLUSÃO	45
REFERÊNCIAS	47
APÊNDICE	51
ANEXO	58

1 INTRODUÇÃO

Toda criança, geralmente, nasce em um mundo cercado por músicas, fotos, novelas, filmes e desenhos que banalizam o corpo e sua importância, o que os leva a criar uma falsa visão sobre sexualidade. Sexualidade está no corpo, no sentimento, no olhar, no pensamento e está relacionada aos desejos, expressões e à afetividade.

Desde o seu nascimento, a criança manifesta sua sexualidade em pequenas atitudes. Quando começam a frequentar creches e escolas, suas atitudes se intensificam e elas passam a originar dúvidas a respeito de sexualidade, porém os professores, geralmente, não se sentem preparados para lidar com a sexualidade em suas aulas.

Durante minha graduação ouvi muitos relatos de professores de Educação Física despreparados para lidar com manifestações de sexualidade das crianças em suas aulas, dentre eles, professores sem saber o que fazer, o que dizer ou como reagir quando uma criança expressa sua sexualidade. Então surgiu o interesse de conhecer como os professores de Educação Física lidam com estas situações, assim como quais as contribuições que a Educação Física pode proporcionar no desenvolvimento da sexualidade das crianças.

Tendo em vista minha curiosidade de averiguar o assunto, o **tema** do presente estudo é a manifestação da sexualidade das crianças nas aulas de Educação Física, e o **problema** é: Como a Educação Física pode contribuir no desenvolvimento da sexualidade das crianças?

O **objetivo geral** deste estudo é verificar se a Educação Física contribui no desenvolvimento da sexualidade das crianças, e os **objetivos específicos** são: Identificar por meio dos professores, a manifestação da sexualidade nas aulas de Educação Física, analisar de que forma os professores lidam com questões relacionadas à sexualidade e descrever como as crianças se expressam nas aulas de Educação Física.

Definimos como **questões norteadoras**: Porque conforme o tempo passa, meninos e meninas perdem a vontade de brincar juntos? Qual a diferença entre sexo e sexualidade? Os professores sentem medo de falar sobre sexualidade? Existe relação entre preconceito por gêneros e sexualidade?

Neste sentido, determinamos que o **tipo de pesquisa** utilizado fosse a pesquisa de campo com caráter descritivo e enfoque qualitativo. Tendo como sujeitos colaboradores, professores que atuam com turmas de Educação Infantil e séries iniciais de três escolas da região de Meleiro. Desta forma, foram pesquisados quatro (4) professores de Educação Física das escolas da rede municipal e estadual de Meleiro. O referencial teórico deste trabalho foi baseado em diversos autores, dentre eles, Silveira (2010), Feltrin (2003), Nunes e Silva (2001), Souza (1999), Meyer (1998) e Silva (2001).

O presente estudo foi organizado da seguinte forma, no primeiro momento apresentamos a fundamentação teórica, na qual seu primeiro capítulo discorre sobre reflexões acerca de sexualidade e infância, o segundo capítulo aborda sobre o conceito de Educação Física e suas abordagens pedagógicas, e o terceiro capítulo argumenta sobre a manifestação da sexualidade em uma perspectiva crítico-emancipatória. Na sequência esclarecemos os procedimentos metodológicos utilizados nesta pesquisa, portanto, a caracterização da pesquisa, os sujeitos colaboradores, a amostra e os instrumentos para levantamento de dados. Em seguida ainda apresentamos a análise e discussão de dados baseada no estudo das categorias, em seguida realizamos a conclusão deste estudo e finalizamos com as referências, apêndice e anexo.

2 COMPREENDENDO SEXUALIDADE E INFÂNCIA

O primeiro capítulo desta fundamentação teórica busca esclarecer a história da sexualidade e da criança assim como seus conceitos, desta forma, o mesmo encontra-se dividido em dois subcapítulos. Desta forma, o primeiro subcapítulo aborda o percurso histórico da sexualidade na visão de diversos autores, esclarece as diferenças entre os termos sexo e sexualidade assim como apresenta suas respectivas características, e aborda as fases do desenvolvimento da sexualidade das crianças. No segundo subcapítulo apresentamos o processo histórico da criança explicando como a criança era vista e tratada pela sociedade antigamente até o ponto de ser reconhecida pela sociedade atualmente, e como a criança é vista diante o Estatuto da Criança e do Adolescente e qual sua importância como cidadã.

2.1 História da sexualidade

A história da sexualidade envolve muitas controvérsias e diferentes posições, desta maneira iremos abordar a sexualidade e seu percurso histórico em diferentes aspectos de diversos autores.

Hoje a sexualidade tornou-se um tema importante, mas houve uma época em que a sexualidade era tratada como tabu, tema proibido e pecado. Ideias erradas e preconceitos impediam a compreensão científica da sexualidade. (NUNES; SILVA, 2001).

Segundo Tockus (1986), na Idade Média a sexualidade era totalmente reprimida, foram criadas regras, surgindo como mitos e tabus para estabelecer limites ao sexo. Havia restrição de informação, o castigo e a repressão para interesses sexuais não permitidos pela igreja, como masturbação, homossexualismo entre outros.

Na Idade Moderna a sexualidade passou a ser um campo de investigação das Ciências Biológicas, foi quando médicos e cientistas passaram a determinar conhecimentos sobre sexualidade e sexo, mas tudo ainda era muito proibido. Então no século XX, a partir da Segunda Guerra Mundial nasceu a Revolução Sexual, um movimento cheio de curiosidades sobre sexo e sexualidade, liderado por jovens

européus e norte-americanos que buscaram superar os tabus, criando novas formas de entender o corpo, o desejo e a sexualidade. (NUNES; SILVA, 2001).

Com o crescimento dos casos de AIDS nos anos 1980, houve necessidade de uma maior conscientização da sociedade com o tema da sexualidade. Então as crianças, adolescentes, jovens e adultos passaram a ter necessidade de conhecer mais sobre o fenômeno da sexualidade e suas manifestações. (NUNES; SILVA, 2001).

Em relação à cronologia da sexualidade, Nunes (1987 apud SILVEIRA, 2010), dividiu em cinco etapas a história da sexualidade relacionada com o mundo ocidental. A primeira etapa refere-se ao período da pré-história chamado Paleolítico, tal qual era dominado pelo Matriarcalismo, sistema que valorizava o culto ao feminino, procriador, materno e organizador da sociedade primitiva. Os homens, devido à caça viviam se deslocando e por milhares de anos a humanidade viveu sob o poder e organização das mulheres. O sexo era visto como um elemento sagrado e religioso, e as partes sexuais femininas eram veneradas, assim como existia um culto à fertilidade entre vários povos.

Na Grécia rural, o sexo feminino era divinizado e exaltado, entretanto isto pode ser justificado pela falta de entendimento do homem primitivo em relação à fecundação, a paternidade, a relação entre o ato sexual e a gravidez. A religião e a magia explicavam as concepções destes povos, por isso tudo era misticamente representado. (NUNES, 1987 apud SILVEIRA, 2010).

Na segunda etapa o sexo foi perdendo seu caráter místico e passou a ser mais racionalizado, conhecido e controlado. A noção de prazer começou a ser enfatizada diferenciando-se do caráter de reprodução e fecundidade, o homem passou a assumir o controle de produção e reprodução da vida, os homens foram separados das mulheres e passaram a receber uma educação exclusiva, os valores masculinos foram enaltecidos e então surgiram os exércitos. Era normal entre os gregos o homossexualismo masculino e as divindades do prazer, e ainda nesta época não existiam valores como a virgindade. (NUNES, 1987 apud SILVEIRA, 2010).

De acordo com o autor citado anteriormente, a terceira etapa também pode ser chamada de “civilização cristã”, pois a queda do Império Romano desestruturou o mundo antigo e a Igreja tratou de catequizar e organizar o mundo, por isso surgiram novos pressupostos com predomínio dos valores espirituais e

morais. O medo das condenações do espírito criaram um novo comportamento sexual, no qual o corpo passou a ser considerado objeto de pecado, a sexualidade passou a ser controlada pela religião, o prazer seria proibido e o sexo só era permitido com o propósito da procriação, a condenação do sexo passou a exaltar a virgindade e a castidade se tornou uma virtude. Sendo assim, a Idade Média, segundo este autor, construiu uma visão extremamente rígida e negativa a respeito da sexualidade.

A quarta etapa está relacionada com a transformação do mundo medieval feudal com a sociedade capitalista. A nova sociedade era baseada no trabalho, sendo assim, seria necessário canalizar as energias para o trabalho, portanto mais um motivo para fortalecer ainda mais a repressão da sexualidade. O sexo tornou-se inimigo do trabalho e o mundo moderno passou a controlar o sexo e reprimir a masturbação, passando a ser tratada como uma doença, anomalia e causadora de males. O sexo reduziu-se ao privado com o objetivo apenas de procriação. (NUNES, 1987 apud SILVEIRA, 2010).

A quinta etapa é marcada pelo início da sociedade consumista, na qual ocorreu uma série de acontecimentos e revoluções de pensamento que marcaram uma nova compreensão da sexualidade. Freud revolucionou os conceitos sobre a sexualidade e o homem, o capitalismo inaugurou diversas formas de movimentos de contestação como grupos feministas, homossexuais, jovens e negros. Nestes movimentos havia a luta pela liberação sexual, o capitalismo aproveitou este apelo e incorporou este ao consumo. (NUNES, 1987 apud SILVEIRA, 2010).

Foucault (2001) relata ainda que a história da sexualidade possui um mecanismo de repressões, e este supõe duas rupturas. Uma no decorrer do século XVII, que foi considerado o início de uma época de repressão das sociedades burguesas, no qual denominar o sexo seria extremamente difícil, nasceram grandes proibições, apenas a sexualidade adulta e matrimonial era valorizada, a decência era uma ordem e a linguagem foi reprimida. Enquanto no século XX os mecanismos enfraqueceram e essa repressão tornou-se tolerante nas relações pré-nupciais ou extra-matrimoniais e também teriam sido eliminados os tabus que pesavam sobre a sexualidade das crianças.

2.1.1 Reflexões acerca de sexo e sexualidade

Os termos sexo e sexualidade se confundem para aqueles que não têm conhecimento sobre seus significados. Nunes e Silva (2001) nos deixam claro que sexo e sexualidade não significam a mesma coisa, pois o termo sexo normalmente é utilizado como identificação biológica das potencialidades reprodutivas dos seres vivos, enquanto sexualidade é a significação, o sentido e orientação da capacidade sexual. De acordo com Feltrin (2003), a sexualidade expressa por meio do corpo a felicidade da alma. Portanto, se entende por sexualidade toda a expressão e comportamento com que as energias sexuais se manifestam no homem. Lembrando que estas manifestações pertencem ao ser humano desde o seu nascimento.

Segundo o autor citado anteriormente, sexo refere-se ao biológico, caracterização genital e sexualidade é um conceito cultural, constituído pela significação do sexo, enquanto Souza (1999) revela que a sexualidade faz parte da personalidade humana, é necessidade básica, energia geradora do amor, da intimidade e do carinho e influencia diretamente os sentimentos e ações.

Então, pode-se considerar que:

Sexualidade é a força vital que impele o eu na busca do tu. É a expressão do indivíduo em todo o seu ser. Revelando-se pelos gestos, atitudes, mímica, olhar, a maneira de dançar, sorrisos, enfim, pelas manifestações corporais. (FELTRIN, 2003 p. 37).

De acordo com Louro (1998, apud MEYER, 1998), a sexualidade precisa ser compreendida como distinta de sexo. Nunes (2001), então explica que sexo significa identidade de gênero e carga genética e Hess (1986) complementa nos dizendo que a sexualidade vai além do biológico e do gênero, mas que está ligada ao comportamento, pois compreende todos os modos de comportamento através dos quais as energias sexuais se manifestam.

Portanto, conforme Feltrin (2003, p. 35), “entende-se por “sexo” as diferenças biológicas, funcionais, bem como a finalidade dos órgãos sexuais”, entretanto, sexualidade envolve mais do que sexo, envolve aspectos psicológicos, afetivos, emocionais, envolve a subjetividade humana. (GUARESCHI, 1999 apud BISCOLI et al. 2005).

Enfim, quanto à distinção entre sexualidade e sexo, fica claro que sexo significa marca biológica e distinção de gênero, enquanto sexualidade é um conceito natural constituído pela significação do sexo. (NUNES, 1994 apud FELTRIN, 2003).

2.1.2 O desenvolvimento da sexualidade das crianças

De acordo com Feltrin (2003), uma das características da ideia popular sobre o instinto sexual é que ele está ausente na infância e só desperta na adolescência, porém, este fato comprovou-se um erro que tem tido graves consequências.

Freud foi o primeiro a chamar a atenção sobre a sexualidade das crianças, foi o primeiro a perceber a sexualidade na infância, compreendeu que o prazer sexual existe desde a mais tenra idade, de uma forma diferente, muito menos ligada aos órgãos genitais que na vida adulta, mas muito intensa também. O fato é a existência de razões inconscientes do desejo sexual relacionadas de modo confuso com impressões da infância, com experiências de amor e prazer vividas bem no começo da vida, quando tudo é mais intenso e confuso. Nesta fase as primeiras experiências de amor e prazer produzem marcas profundas que vão se transformar nos símbolos inconscientes capazes de excitar o desejo sexual. (KEHL, 2001).

Sendo assim, Feltrin (2003) esclarece, a partir das contribuições de Freud, que com a descoberta da sexualidade infantil, ficou demonstrado que a sexualidade é fruto de experiências vivenciadas desde o útero materno.

Freud e a psicanálise tiveram grande importância por terem revelado aspectos e fases latentes desse desenvolvimento até então desconhecido e também por terem descoberto e pesquisado o complexo de fenômenos da infância, que representam esta explosão da evolução sexual, que ele considerou pertencente a uma esfera sexual, a qual denominou “sexualidade infantil”. (FELTRIN, 2003).

O desenvolvimento da criança então foi dividido em fases por Freud, sendo a primeira delas denominada de fase oral. Na qual, desde o nascimento a boca aparece como uma zona erógena, embora a boca sirva para sucção, a criança busca uma satisfação relacionada a certa excitação no próprio corpo. Após esta fase, surge a fase anal, na qual a satisfação é procurada nas funções excretoras. A terceira fase, a fálica, é o ápice do desenvolvimento sexual infantil, pois neste

momento o relacionamento entre pais e filhos alcança uma forte influência no comportamento futuro do indivíduo. Quando a criança passa a desejar e a ter fantasias com o pai ou a mãe, ela se encontra na fase edipiana. (FELTRIN, 2003).

Fase de latência é o período entre a fase fálica e a puberdade, neste período as crianças tornam-se mais tranquilas e preferem a companhia de crianças do mesmo sexo. É nesta fase que surgem brincadeiras de casinha, papai e mamãe entre outras. (FELTRIN, 2003).

O autor citado anteriormente ao abordar sobre o desenvolvimento da sexualidade destaca a importância de lembrar que a criança está em fase de contínuo desenvolvimento. Seu prazer inicial na exploração das possibilidades de seu próprio corpo torna-se cada vez mais complexo, a curiosidade em relação ao seu corpo cresce ao mesmo tempo como o respeito pelo mundo que a cerca.

Souza (1999) explica que a criança nasce sexuada e com estrutura cognitiva com a qual desenvolverá sua sexualidade de acordo com seu próprio potencial e com sua interação com a cultura onde vive, assim o autor esclarece as ações típicas das crianças em seus primeiros sete anos.

Em seus primeiros três anos de idade a criança explora o seu corpo para conhecê-lo e encontra prazer, descobre os “buracos” do corpo, mostra curiosidade sobre como nascem os bebês, qual a sua origem e sobre as diferenças sexuais, espiam os adultos e podem participar de brincadeiras sexuais com crianças do sexo oposto, demonstram afeição e vão percebendo que pertencem a um grupo sexual de pessoas negando ser do sexo oposto ao seu. (SOUZA, 1999).

Nesta fase de desenvolvimento a criança é uma grande investigadora e as curiosidades sexuais giram em torno das diferenças físicas entre meninos e meninas, e pelo nascimento dos bebês. É uma fase de se desenvolver a atitude de sair de si e ir ao encontro do outro, é a capacidade de transcender sua corporeidade e comunicar-se com o outro, ou seja, socializar-se. (SOUZA, 1999).

Dos três aos sete anos inicia-se o conflito entre instinto e proibição, se desenvolve o autoerotismo, mais conhecido como masturbação, o complexo de Édipo surge no menino desejando a mãe e ambicionando o lugar do pai, assim como para a menina o pai é o objeto do seu amor e tem ciúmes da mãe. Nesta época a criança tem uma visão imatura da realidade, por isto é o momento dos porquês, assim como perguntam muito e querem respostas sinceras, esquecem e perguntam novamente. (SOUZA, 1999).

A curiosidade nesta fase é muito grande, as crianças reúnem-se em grupos e observam os papéis sexuais, como a forma que os adultos urinam. As meninas fantasiam a gestação, apelidam os genitais, questionam a ausência ou presença do pênis ou dos seios, desenvolvem grande atividade motora e os primeiros conceitos de moral e aprendem as diferenças. (SOUZA, 1999).

Considera-se então que esta “[...] é a hora certa de desenvolver o amor pelo seu corpo, sua família, entender o nascimento do bebê, integrar-se com amiguinhos e contribuir para firmar a segurança e autoconfiança.” (SOUZA, 1999, p. 58).

Dos sete aos onze anos os grupos de meninos e meninas se aproximam, espiam os pais, há um forte interesse pela anatomofisiologia corporal e as ocorrências que marcam o início da puberdade, desejam saber sobre ejaculação, menstruação, crescimento dos seios e nascimento dos pelos. Devido às transformações corporais, deixam de se interessar por algumas coisas que ocorrem ao seu redor e começam a interpretar suas próprias modificações. Desenvolvem autoestima, a sexualidade começa a superar o limite da genitalidade, nesta fase podem ocorrer jogos homossexuais para testar identidade ou chamar atenção sobre si, é o período em que a criança começa a sair da família. (SOUZA, 1999).

É uma fase cheia de indagações, as crianças querem explicações mais profundas aos seus questionamentos. Então, por volta dos dez anos a criança percebe-se perdendo a infância e se iniciam os conflitos de assumir um novo corpo, querem e ao mesmo tempo não querem. (SOUZA, 1999).

2.2 História da criança

Conforme Rocha (2002), do século XII ao XVII, a infância tomou diferentes conotações dentro do imaginário do homem em todos os aspectos sociais, culturais, políticos e econômicos. A criança era vista como substituível, ou ainda como ser produtivo que tinha uma função utilitária para a sociedade, pois a partir dos sete anos de idade era inserida na vida adulta e tornava-se útil na economia familiar, realizando tarefas, imitando seus pais e suas mães, cumprindo assim, seu papel perante a sociedade.

Tratando-se de infância, Ariès (1981, apud ROCHA, 2002) partindo de relatos e textos dos séculos XII ao XVIII, aponta que as pessoas definiam a idade da criança como “[...] a primeira idade é a infância que planta os dentes, e essa idade começa quando nasce e dura até os sete anos, e nessa idade aquilo que nasce é chamado de *enfant* (criança), que quer dizer não falante, pois nessa idade a pessoa não pode falar bem nem formar perfeitamente suas palavras.” (ARIES, 1981, p.36 apud ROCHA, 2002, p. 04).

Portanto, a infância era caracterizada pela ausência da fala e de comportamentos esperados, considerados manifestações irracionais. Assim, a infância se contrapõe à vida adulta, pois os comportamentos considerados racionais seriam encontrados apenas no adulto, identificando o adulto como o ser que pensa, raciocina e age, com capacidade para alterar o mundo que o cerca, e tal capacidade não seria possível às crianças. (ROCHA, 2002).

As crianças eram tratadas como adultos em miniatura: desde sua maneira de vestir-se até na participação ativa em reuniões, festas e danças. Os adultos se relacionavam com as crianças sem discriminações, realizavam brincadeiras grosseiras, falavam vulgaridades, todos os tipos de assuntos eram discutidos na sua frente, inclusive a participação em jogos sexuais. Isto ocorria porque não acreditavam na possibilidade da existência de uma inocência, ou na diferença de características entre adultos e crianças. (ROCHA, 2002).

Nesse contexto, as mudanças em relação ao cuidado com a criança, só vieram ocorrer no século XVII, com a interferência dos poderes públicos e com a preocupação da Igreja em não aceitar o infanticídio, antes tolerado. Dessa forma, surgiram medidas para salvar as crianças, as condições de higiene foram melhoradas e a preocupação com a saúde destas fez com que os pais não aceitassem perdê-las com naturalidade. A criança passou a ser educada pela própria família, despertando um novo sentimento por ela, caracterizado pelo surgimento do sentimento de infância. (ROCHA, 2002).

Com a evolução nas relações sociais que se estabeleceu na Idade Moderna, a criança passou a exercer papel central nas preocupações da família e da sociedade. A nova percepção e organização social fizeram com que os laços entre pais e filhos, adultos e criança, fossem fortalecidos. A partir deste momento, a criança começou a ser vista como indivíduo social, e a família passou a ter grande preocupação com sua saúde e educação. (ROCHA, 2002).

Neste sentido, em meados do século XVI e XVII surgiu um novo modelo de infância, a criança passou a ser vista como uma “gracinha”, assim nascendo um sentimento de apego à infância e suas particularidades. (ESCARIÃO, 2009).

De acordo com Kramer (1999), as crianças são sujeitos sociais e históricos marcados pela sociedade. A criança não é apenas um filhote do ser humano, nem se resume em um alguém que um dia se tornará adulto. São características específicas de infância, o poder da imaginação, a fantasia e criação, porém, deve-se entendê-las como cidadãs, pessoas que produzem cultura e são nelas produzidas e possuem um olhar crítico.

Segundo Cohn (2005), para compreender o sentido de infância deve-se entender a criança não como um “adulto em miniatura”, ou alguém treinando para a vida adulta, mas interagindo com os adultos, com outras crianças, com o mundo, e exerce papel importante em suas relações.

2.2.1 Criança: um cidadão com direitos

O Estatuto da Criança e do Adolescente é destinado a todas as crianças e adolescentes sem distinção de cor, raça, gênero ou classe social. Portanto, o termo menor é abolido e todas as crianças passam a ser definidas como sujeitos de direitos, com necessidades decorrentes do seu desenvolvimento e em função dessa condição devem receber uma política de atenção integral a seus direitos. (FROTA, 2007 apud PATINÕ, 2009).

Dentre as garantias, pode evidenciar-se que as crianças são sujeitos de direitos, seus direitos devem ser tratados como verdades absolutas e para tudo deve ser levado em conta a condição das crianças serem pessoas em desenvolvimento. (FERREIRA, 2008 apud CIABARATTI, 2010).

Uma das maiores contribuições do Estatuto da Criança e do Adolescente, no campo educacional é a exigência do ingresso e permanência destes na escola. Porém, não basta permanecer na escola para o aprendizado se efetivar, mas devemos ter consciência pois isto representa um grande início, sendo que antigamente a escola era espaço para poucos privilegiados. (CIABARATTI, 2010).

O Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) determina em seu artigo 15 que, “toda criança tem o direito à liberdade, ao respeito e à dignidade como

“pessoas humanas em processo de desenvolvimento e como sujeitos de direitos civis, humanos e sociais”. (BRASIL, 1990).

Dentre os aspectos do direito à liberdade, o quarto inciso do ECA ressalta a importância da brincadeira no desenvolvimento da criança, portanto é direito da criança: brincar, praticar esportes e divertir-se. (BRASIL, 1990).

3 EDUCAÇÃO FÍSICA

Pode-se dizer que a Educação Física atualmente se encontra em um momento de “crise de identidade”, devido a sua reputação adquirida pela visão de outras disciplinas. Diante disto, buscaremos esclarecer o sentido de Educação Física Escolar e suas respectivas abordagens pedagógicas desenvolvidas atualmente.

De acordo com o Coletivo de Autores (1992), Educação Física é uma prática pedagógica que tematiza formas de atividades expressivas corporais como o jogo, o esporte, a dança e a ginástica no âmbito escolar, configurando uma área de conhecimento que podemos chamar de cultura corporal.

Portanto, a Educação Física Escolar pode ser considerada como:

[...] uma disciplina que introduz e integra o aluno na cultura corporal de movimento, formando o cidadão que vai produzi-la, reproduzi-la e transformá-la, capacitando-o para usufruir os jogos, os esportes, as danças, as lutas, e as ginásticas em benefício do exercício crítico da cidadania e da melhoria da qualidade de vida. (CONFEEF, 2002, apud MATTOS, 2006, p. 85).

De acordo com Bracht (1992), o termo Educação Física abrange as atividades pedagógicas, cujo tema principal é o movimento corporal, mas este movimento corporal, também chamado de movimento humano, não é qualquer ou todo movimento, é o movimento humano com um determinado significado e se apresenta em forma de jogos, ginástica, esporte, danças e lutas.

Conforme Linczuk (2003), várias são as concepções de Educação Física, mas no meio de tantas concepções assumidas por ela culturalmente, a sua relação direta com o movimento humano como sua base é a mais marcante. Não apenas o movimento corporal, mas numa perspectiva mais ampla, o movimento do homem como um todo: corporal, histórico, econômico, político e cultural, perspectiva centrada nas ações do homem como promotor e produto da cultura histórica. O homem submetido não apenas sujeito às leis biológicas, mas também às leis culturais e sociais.

3.1 Abordagens pedagógicas de Educação Física

Segundo Darido (2003), no final da década de 70 surgiram novos movimentos em oposição ao modelo mecanicista na Educação Física Escolar. Por

isso, atualmente existem várias concepções na área de Educação Física, todas buscando romper com este modelo tradicional. São abordagens pedagógicas da Educação Física: Abordagem Desenvolvimentista, Abordagem da Psicomotricidade, Construtivista-Interacionista, Sistêmica, Crítico-Superadora, Crítico-Emancipatória, Cultural, Abordagem apoiada nos Jogos Cooperativos, Abordagem da Saúde Renovada e Abordagem relacionada aos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs).

Atualmente a abordagem crítico-superadora e crítico-emancipatória são concepções consideradas capazes de formar um cidadão crítico, portanto são as mais apropriadas para se desenvolver no meio educacional, sendo assim, esclareceremos melhor estas duas tendências.

A abordagem crítico-superadora segundo Darido (2003), é considerada uma das principais tendências pedagógicas que atua em oposição ao modelo mecanicista. Pois, utiliza o discurso da justiça social como ponto de apoio e acredita que o docente não deve tratar somente de como ensinar, mas também sobre como adquirir esses conhecimentos.

Conforme o Coletivo de Autores (1992), esta concepção é diagnóstica, porque busca ler e interpretar os dados da realidade e emitir um juízo de valor, é judicativa, porque julga os elementos da sociedade por meio de uma ética que representa os interesses de alguma classe social e é também considerada teleológica, pois busca uma direção, dependendo da perspectiva de classe de quem reflete.

Quanto aos conteúdos selecionados para as aulas de Educação Física, os adeptos desta abordagem propõem que a relevância social dos conteúdos, a contemporaneidade e a adequação às características sócio-cognitivas dos alunos devem ser consideradas. É preciso ainda, fazer com que o aluno confronte os conhecimentos do senso comum com os científicos, para poder ampliar seus conhecimentos. Deve ser evitado o ensino por etapas e utilizar a simultaneidade no ensino dos conteúdos, portanto, os mesmos conteúdos devem ser trabalhados de maneira mais aprofundada ao longo das séries. (DARIDO, 2003).

O Coletivo de Autores (1992), propõe os princípios curriculares no trato com o conhecimento, pois os princípios da seleção de conteúdos precisam ser organizados, sistematizados e fundamentados em alguns princípios metodológicos, relacionados à forma como serão tratados no currículo, por isso são denominados de princípios curriculares no trato com o conhecimento.

São princípios curriculares no trato com o conhecimento: Relevância social dos conteúdos, contemporaneidade do conteúdo, adequação às possibilidades sócio-cognoscitivas do aluno, princípio do confronto e contraposição de saberes, princípio da simultaneidade dos conteúdos enquanto dados da realidade, princípio da provisoriedade do conhecimento e princípio da espiralidade da incorporação das referências do pensamento. (COLETIVO DE AUTORES, 1992).

Conforme o autor acima citado a concepção crítico-superadora utiliza ciclos de ensino. Estes não são organizados por etapas, muito pelo contrário, os conteúdos são tratados simultaneamente e vão se ampliando no pensamento do aluno, desde a constatação dos dados da realidade até interpretá-los, compreendê-los e explicá-los, portanto, os alunos podem lidar com diferentes ciclos ao mesmo tempo.

O primeiro ciclo vai da pré-escola ao 3º ano, e chama-se ciclo de organização da identidade dos dados da realidade, o segundo ciclo vai do 4º ao 6º ano, e chama-se ciclo de iniciação à sistematização do conhecimento. O terceiro ciclo vai do 7º ao 9º ano e é chamado de ciclo de ampliação da sistematização do conhecimento, e o quarto e último ciclo se dá no 1º, 2º e 3º anos do ensino médio, e é denominado ciclo de aprofundamento da sistematização do conhecimento. (COLETIVO DE AUTORES, 1992).

Um dos principais autores da abordagem crítico-emancipatória é Elenor Kunz, para ele o ensino nesta concepção deve basear-se em um ensino de libertação de falsas ilusões, de falsos interesses e desejos, criados e construídos nos alunos pela visão de mundo que apresentam a partir do conhecimento.

A educação é um processo onde se desenvolvem ações comunicativas. Conforme Kunz (2006), a abordagem crítico-emancipatória em sua prática, precisa estar acompanhada de uma didática comunicativa, pois apenas desta forma ela será capaz de fundamentar o esclarecimento e a racionalidade de todo agir educacional. Racionalidade significa a disposição que sujeitos com capacidade de agir e falar apresentam, portanto, uma racionalidade com sentido de esclarecer implica em uma racionalidade comunicativa. Por isso, o aluno deve ser capacitado para sua participação na vida social, cultural e esportiva, ou seja, enquanto sujeito do processo de ensino ele precisa adquirir a capacidade de conhecer, reconhecer e problematizar sentidos e significados através da reflexão crítica.

Quando mencionamos esclarecimento, Kunz (2006) trata este conceito como emancipação, pois este é um processo que liberta o sujeito das condições que limitam o uso da sua razão crítica, e ainda todo o seu agir social, cultural e esportivo. Logo, o sujeito se torna capaz de refletir criticamente a partir deste processo que se desenvolve pela educação.

De acordo com Kunz (2006), o sujeito na fase inicial de esclarecimento, também chamada de menoridade, encontra-se preso a uma coerção auto imposta, na qual possui uma falsa consciência sobre o mundo e não consegue raciocinar criticamente. Quando ele for esclarecido e tornar-se capaz de refletir criticamente sozinho é sinal de que ele está livre da coerção auto imposta, finalmente foi emancipado e atingiu o estado de maioridade.

Uma aula de Educação Física de acordo com a concepção crítico-emancipatória, deve ser aquela na qual os alunos aprendam muito mais que apenas desenvolver habilidades e técnicas de um determinado esporte. Incluir conteúdos de caráter teórico-prático permitindo-os organizar a sua realidade de esporte, movimentos e jogos é importante. Porém, é ainda mais importante que sejam considerados dois aspectos a serem desenvolvidos nas aulas de Educação Física, a interação social e a linguagem. (KUNZ, 2006).

A interação social deve ser tematizada como objetivo educacional que valoriza o trabalho coletivo de forma cooperativa e participativa. E quando este processo se desenvolve por meio de uma didática comunicativa, a linguagem passa a ser considerada outro aspecto muito importante. Na Educação Física, a tematização da linguagem ganha mais importância, pois não se trata apenas de linguagem verbal, mas de linguagem corporal, termo este denominado como linguagem do “se-movimentar”, uma linguagem em que a expressão corporal também é importante. (KUNZ, 2006).

De acordo com o mesmo autor a abordagem crítico-emancipatória é desenvolvida a partir do desenvolvimento da competência objetiva, social e comunicativa.

Com a competência objetiva o aluno precisa aprender conhecimentos e treinar suas destrezas, ou seja, precisa se “qualificar para atuar dentro de suas possibilidades individuais e coletivas e agir de forma bem-sucedida no mundo do trabalho, na profissão, no tempo livre”. (KUNZ, 2006, p.40).

Com a competência social o aluno deve adquirir conhecimentos e esclarecimentos para conseguir compreender as relações do contexto em que vive e os diferentes papéis que as pessoas assumem na sociedade. Nas aulas de Educação Física, esta competência deve atuar no sentido de acabar com as diferenças e discriminações que normalmente acontecem, principalmente nos esportes quando a formação de turmas é masculina e feminina, ou quando os alunos são divididos em escala de força ou habilidade. Portanto, esta competência busca formar um aluno com agir solidário e cooperativo. (KUNZ, 2006).

Como mencionamos anteriormente a linguagem verbal é apenas uma das formas de comunicação do ser humano. Nas aulas de Educação Física, a linguagem do movimento se apresenta muitas vezes e passa despercebida, entretanto ela é considerada decisiva nesta abordagem. Conforme Kunz (2006), saber se comunicar e compreender a comunicação do próximo é um processo reflexivo que desencadeia iniciativas de pensamento crítico. Porém, também é importante dialogar nas aulas de Educação Física, ensinar o aluno priorizando a sua linguagem, tanto verbal quanto corporal significa ensiná-lo a ler, interpretar e criticar os fenômenos que acontecem em sua volta.

4 A MANIFESTAÇÃO DA SEXUALIDADE EM UMA PERSPECTIVA CRÍTICO-EMANCIPATÓRIA

Para falar sobre a criança e sua expressão corporal, é preciso compreender como desenvolver a sexualidade aqui entendida também como corporeidade¹, por meio da concepção crítico-emancipatória.

Sexualidade é poder manifestar por meio do corpo, sua alegria, desejos, curiosidade do outro, amizade, amor, afeto, carinho, contato físico, sensibilidade e prazer. Diante disto, percebe-se a necessidade de abordar em uma perspectiva educativa, os diversos aspectos que constituem a sexualidade humana.

O papel da escola não é definir o que é “certo” ou “errado”, mas propiciar aos alunos a oportunidade de promover o questionamento e a desmistificação da cultura, informando as novas gerações sobre as possibilidades e também sobre os problemas a serem enfrentados. Por se tratar de um aspecto de grande relevância para o desenvolvimento e para a vida psíquica das pessoas, a sexualidade precisa ultrapassar o restrito tratamento biológico da potencialidade reprodutiva e constituir-se como uma forma de comunicação entre as pessoas, com o propósito de promover o ser humano, tornando-o cada vez mais capaz de conhecer os elementos de sua condição, para nela poder intervir e manifestar sua autonomia. (TUCKMANTEL, 2009).

Sendo a concepção crítico-emancipatória considerada um ensino de libertação de falsas ilusões, as aulas de Educação Física baseadas nesta abordagem tem o dever de desvelar certos conhecimentos que as crianças têm em relação à sexualidade, procurando auxiliar no desenvolvimento sadio da sexualidade da criança. Para lidar com este assunto, o professor deve compreender o verdadeiro significado de sexualidade e estar consciente das suas atitudes ao lidar com as manifestações da sexualidade das crianças que surgem durante suas aulas.

¹ Corporeidade tem sido definida como qualidade de corpóreo ou relativo ao corpo. Sabe-se que o termo está intimamente ligado ao corpo, porém é difícil reduzir a corporeidade a um único conceito. Conforme Teves (1992), o corpo não pode ser considerado uma máquina, pois seu sentir não é um sentir como de qualquer corpo animal, é sua função sentir, pensar, agir, sonhar, imaginar, desejar e seduzir. De acordo com Rodrigues (2009), a corporeidade implica na inserção de um corpo humano num mundo significativo, a relação do corpo consigo mesmo e com outros corpos expressivos e com os objetos do seu mundo, sendo assim, nosso corpo traz marcas sociais e históricas, portanto, questões culturais, de gênero e sociais podem ser lidas nele.

A sexualidade se expressa desde o nascimento, e é no território familiar que são transmitidas as primeiras noções e valores associados à sexualidade, mesmo que de forma não explícita. Portanto, toda criança quando chega ao pré-escolar, educação infantil ou à escola possui uma visão de mundo e uma experiência corporal, muitas vezes, possuindo uma falsa consciência sobre o mundo em que vive e sobre sua própria sexualidade.

As aulas de Educação Física baseadas na perspectiva crítico-emancipatória devem promover o esclarecimento deste mundo no qual a criança possui falsa consciência. Quando percebemos uma menina não aceitando dar as mãos a um menino, por exemplo, podemos dizer que esta é uma questão de sexualidade. É função do professor, esclarecer esta criança e ensinar que não há nada de errado em segurar a mão do colega do sexo oposto e que esta é apenas uma forma de demonstrar amizade e confiança. O professor neste caso estará ensinando a criança a como se relacionar em seu mundo social, assim como aprender novos valores.

Portanto, a concepção crítico-emancipatória visa esclarecer esta falsa visão da criança sobre as coisas. Quando ela aprender a refletir criticamente tudo o que ouve e percebe ao seu redor, passando a raciocinar diante alguma decisão a tomar, pode-se dizer que ela está sendo preparada para se emancipar.

Kunz (2006), considera a interação social e a linguagem, dois aspectos muito importantes para serem desenvolvidos nas aulas de Educação Física. Neste sentido, é importante a criança aprender a interagir com outras crianças, compreendendo que cada um possui particularidades e diferenças. Meninos e meninas têm suas diferenças, porém o gênero não pode interferir nas relações, pois o ser humano se desenvolve somente por meio das relações sociais, afinal, nenhum homem é uma ilha.

O professor deve fomentar esta interação por meio de uma didática comunicativa, visando ressaltar a importância da linguagem, pois quando falamos aqui sobre linguagem não nos referimos apenas à linguagem verbal, mas também à linguagem corporal e escrita, que costumam passar despercebidas aos olhos dos educadores.

O professor deve utilizar a linguagem verbal, no sentido de dialogar com as crianças a respeito do seu corpo e sua corporeidade, esclarecer curiosidades sobre a sexualidade, explicar fenômenos como gravidez, diferenças sexuais, entre

outros. Porém, a linguagem verbal não significa apenas falar, mas também ouvir o aluno, até porque é por meio de expressões e palavras utilizadas pela criança que o professor consegue perceber o seu meio e sua cultura.

Conforme Teves (1992), o homem aprende a sentir, sentindo o mundo pelo próprio corpo. Neste sentido a linguagem corporal é considerada extremamente importante para a expressão corporal, por meio dela a criança pode expressar seus sentimentos, desejos e fantasias com seus movimentos. Então, é função do professor propor atividades que desenvolvam a linguagem por meio do corpo. Linguagem escrita é aquela que pode ser compreendida via desenhos produzidos pelas crianças, que expressam sentimentos e que muitas vezes, a criança não consegue falar ou expressar de outra forma.

De acordo com Kunz (2006), como mencionamos anteriormente, a abordagem crítico-emancipatória é desenvolvida a partir do desenvolvimento da competência objetiva, social e comunicativa. Sendo assim, podemos considerar que a competência objetiva procura levar a criança a criar consciência do seu próprio corpo e do mundo onde está inserida e conhecer novos valores tornando-se um cidadão crítico e consciente da realidade.

Com a competência social, a criança deve compreender que as pessoas são diferentes uma das outras e assumem papéis diferentes na sociedade, desta forma esta competência procura explicar e acabar com as diferenças e discriminações buscando formar um aluno solidário e cooperativo. Para desenvolver a competência comunicativa é tão importante dialogar quanto ouvir o que a criança tem a dizer. Por meio da comunicação o professor pode compreender a necessidade de afeto do seu aluno e assim, caminhar para uma mudança de comportamento.

5 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Conforme Barros e Lehfeld (2000), a Metodologia pode ser considerada a melhor maneira de abordar determinados problemas, porém não procura soluções, apenas escolhe as formas adequadas de encontrá-las, e de forma operacional é considerada o estudo crítico dos métodos.

5.1 Caracterização da pesquisa

O presente estudo trata-se de uma pesquisa de campo descritiva qualitativa. Uma pesquisa de campo segundo Barros e Lehfeld (2000), se caracteriza pelo contato direto com o fenômeno estudado, e é considerada descritiva, pois conforme Barros e Lehfeld (2000) é uma pesquisa na qual o pesquisador pode observar, registrar, analisar e correlacionar os fatos ou fenômenos sem manipulá-los, possui um enfoque qualitativo, pois conforme Hernández Sampieri et. al. (2006), utiliza coleta de dados sem medição numérica para descobrir ou aperfeiçoar questões de pesquisa e responder interrogantes científicas em seu processo de interpretação.

5.2 Sujeitos Colaboradores

De acordo com Rudio (2001), o termo população determina a totalidade de indivíduos que possuem as mesmas características, definidas para um determinado estudo. Portanto, a população desta pesquisa é composta por professores que trabalham em escolas da região de Meleiro, sendo estas escolas, uma pertencente à rede estadual e duas pertencentes à rede municipal, perfazendo um total de sete professores. Os professores pesquisados atuam com turmas de Educação Infantil e séries iniciais do Ensino Fundamental.

Para Rudio (2001), a **amostra** é uma parte da população, selecionada de acordo com uma regra. Desta forma, pela dificuldade de acesso a duas escolas da região de Meleiro, foram pesquisados somente quatro (4) professores de Educação

Física que atuam com crianças em três escolas da rede municipal e estadual de Meleiro.

5.3 Instrumentos utilizados para o levantamento de dados e sua operacionalidade

De acordo com Rudio (2001), denomina-se instrumento de pesquisa tudo aquilo que é utilizado para coleta de dados.

Portanto, contando com a colaboração dos questionados, foi realizada uma entrevista individual com gravação de áudio sendo utilizado um gravador de áudio como instrumento, com a preocupação de conhecer a formação dos educadores bem como os seus procedimentos e conhecimentos a respeito da Sexualidade nas aulas de Educação Física. Para termos as informações entramos em contato com os professores verificando a viabilidade de eles serem entrevistados, para tanto assinando a folha de permissão.

O roteiro de entrevista foi elaborado pensando na necessidade de ouvir e compreender as respostas, opiniões e experiências dos professores de Educação Física que lidam com crianças, neste sentido, professores de Educação Infantil e séries iniciais. Desta forma, as perguntas deste roteiro foram estruturadas baseadas no problema, objetivos e questões norteadoras deste trabalho.

Todos os quatro professores aceitaram ser entrevistados mediante o termo de consentimento lido e assinado pelos mesmos. Os dados foram coletados no mês de Maio durante quatro (4) dias, com a presença do pesquisador entrevistando os pesquisados.

5.4 A escolha das categorias

De acordo com Minayo (1996), a palavra categoria se refere a um conceito que abrange aspectos e características em comum entre si, portanto trabalhar com categorias significa agrupar elementos, ideias, pensamentos e expressões em torno de um conceito capaz de abranger tudo isso.

Então após os dados serem coletados, foram construídos dois quadros. O quadro um (1) apresenta a vida profissional dos professores pesquisados, e no quadro dois (2) encontram-se as falas dos entrevistados, ambos encontram-se como apêndice B.

6 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS

Neste capítulo apresentaremos a análise do discurso à luz do referencial teórico, visando compreender melhor as falas dos pesquisados, assim como a compreensão do pesquisador, realizando assim uma análise triangular.

6.1 Categorias Selecionadas

Foram selecionadas três (3) categorias buscando reunir respostas, opiniões, ideias e saberes dos professores de Educação Física, sendo que cada professor será identificado em ordem numérica para manter o sigilo dos entrevistados.

6.2 CATEGORIA A - A concepção dos professores sobre sexualidade

De acordo com Frison (2009, apud SILVA, 2010), a sexualidade pode se manifestar por meio de atitudes, comportamentos e gestos, portanto, ela ultrapassa a dimensão biológica, pois envolve emoção e afeto. Ela se expressa pelo corpo, manifestando sua dimensão social, quando percebemos por meio da expressão a sociedade e o meio em que o indivíduo está inserido, e sua dimensão existencial quando pensada como direito individual e íntimo.

Todos os professores devem compreender o verdadeiro sentido de sexualidade, sabendo diferenciá-la do significado de sexo. Neste sentido, questionamos os professores sobre seu entendimento sobre sexualidade, e obtemos as seguintes respostas:

“Sexualidade pra mim é tudo, desde a expressão, a maneira da pessoa se expressar. Envolve desde a vestimenta, como as crianças veem este lado de menino e menina, o respeito, pra mim tudo isso entra na sexualidade, as diferenças e o respeito entre os sexos.” (Entrevistado 4)

“Sexualidade pra mim é a convivência, o pensamento e a expressão”.
(Entrevistado 1)

Podemos observar que a visão destes pesquisados é a mesma quanto ao conceito de sexualidade estar dissociado de fenômenos fisiológicos e biológicos do corpo humano e estar totalmente ligada ao aspecto social, emocional e expressivo de cada indivíduo. Sexualidade não designa apenas as atividades e o prazer que dependem do funcionamento do aparelho genital, mas toda uma série de excitações e de atividades presentes desde a infância que proporcionam um prazer à satisfação de uma necessidade fisiológica, como a respiração e a fome. (LAPLANCHE e PONTALIS, 2000, apud. SILVA, 2001).

Quando questionados sobre as diferenças entre sexo e sexualidade, todos os entrevistados souberam diferenciar os dois conceitos com ponderação, fato que nos leva a crer como os professores de Educação Física têm os significados de sexo e sexualidade muito bem esclarecidos, sem riscos de confundir ou misturar os sentidos de um com o outro. Neste sentido, quando os professores foram questionados quanto à diferença entre sexo e sexualidade, obtivemos as seguintes respostas:

“Sexo pra mim é o ato de fazer a relação, e sexualidade é tudo que envolve e precede isso, todas as formas de expressão.” (Entrevistado 2)

“Sexo pra mim é o ato de transar, e sexualidade é o outro lado, é o lado de se conhecer sexualmente.” (Entrevistado 3)

Conforme Feltrin (2003), entende-se por sexo, as diferenças biológicas do ser humano, bem como, a finalidade dos órgãos sexuais, pode ser considerado também como uma atividade física e psíquica em que o indivíduo pode obter prazer com o seu próprio corpo. Sexualidade, no entanto, “não pode ser vista como uma atividade puramente biológica, é parte integrante do nosso ser total”. (FELTRIN, 2003, p. 37).

Torna-se evidente por meio das falas dos entrevistados, que os mesmos compreendem que sexo é um conceito totalmente ligado a fenômenos biológicos e necessidades fisiológicas ainda que prazerosas, enquanto sexualidade significa se conhecer sexualmente e se expressar por meio do corpo, dos movimentos ou de qualquer outra forma de expressão.

É importante que todo professor de educação infantil e séries iniciais, ou seja, que lida com crianças, saiba reconhecer cada conceito antes de tomar qualquer atitude diante de um esclarecimento à um aluno. De acordo com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB - Lei 9.394/96), a Educação Infantil, considerada a primeira etapa da educação básica, tem como finalidade o desenvolvimento integral da criança, em seus aspectos físico, psicológico, intelectual e social. Portanto se a proposta da Educação Infantil visa o desenvolvimento integral da criança e compete aos professores o trabalho com as potencialidades infantis, compreendemos a importância da sexualidade compreendida como parte integrante de cada um e é fundamental que ela seja esclarecida e discutida no âmbito escolar.

6.3 CATEGORIA B – Manifestações da sexualidade das crianças e as atitudes dos docentes

Sabemos que a sexualidade é desenvolvida a partir das possibilidades de cada um por meio da sua interação social, e que é construída a partir das primeiras experiências afetivas do bebê com a mãe ou o pai, ou quem cuida dele. Neste sentido, Freud comprovou a existência da sexualidade infantil, e com ela a curiosidade natural das crianças a respeito da sua origem, do seu corpo, do corpo do colega e de todos os fenômenos envolvidos pela sexualidade.

Para Nunes e Silva (2006), a sexualidade infantil é muito mais autêntica porque as crianças não precisam provar nada a ninguém e também não estão preocupadas com os padrões de “normalidade” que a sociedade impõe aos adultos. Com a curiosidade de descobrir a vivência de cada professor, perguntamos aos entrevistados se durante suas aulas eles haviam presenciado momentos de manifestações da sexualidade de seus alunos e obtivemos as seguintes respostas:

“Várias vezes, uma vez eu estava dando aula, eu estava dentro da sala de aula, e os alunos estavam na rua brincando, e daí eu escutei “mostra, mostra”, daí eu “meu Deus”, fui lá fora e eles estavam se conhecendo, as meninas mostravam e os meninos não mostravam, e elas queriam que eles mostrassem porque elas não conheciam.” (ENTREVISTADO 3)

“Tendo esse tipo de expressão em relação a acariciar, beijar o colega, abraçar e pegar na mão, isso acontece direto, com frequência. Eu trabalhei pouco tempo com o pré, e no pré isso acontece com mais frequência esta coisa de curiosidade [...] o que acontece com frequência é o beijo no rosto do colega, pegar na mão e dizer que tá namorando ou que é namorado.” (ENTREVISTADO 2)

Podemos observar que as crianças buscam conhecer seu corpo, descobrir as diferenças entre o seu corpo e o corpo do outro, demonstrar afetividade pelo colega e imitar o relacionamento dos adultos de uma forma inocente, porém, normalmente tais momentos são transformados em polêmica pelos próprios pais ou educadores.

De acordo com Camargo e Ribeiro (1999), a criança tem o direito de sentir que seu corpo é adorável e bom, e somente dela e apenas ela pode decidir quem pode vê-lo ou tocá-lo. Quando voltadas às descobertas do corpo do outro, as crianças além de olharem podem querer tocar o outro, por isso é preciso ficar atento para que além de não se machucarem, todo o processo de descoberta seja realizado com o consentimento das crianças envolvidas. Mas em todo o caso há necessidade de uma abordagem tranquila sobre o assunto junto às crianças. O professor deve conversar com as crianças, explicando a sensibilidade da região genital e a necessidade de respeitar o desejo do outro no que diz respeito a tocá-lo.

De acordo com Brasil (1998), a compreensão da sexualidade como um processo amplo, cultural e indissociável ao desenvolvimento das crianças pode auxiliar o professor diante das ações exploratórias das crianças ou das perguntas que fazem a respeito do tema, a tendência é que, quanto mais tranquila for a experiência do adulto no plano de sua sexualidade, mais natural será sua reação às explorações infantis. Sendo assim, os entrevistados foram questionados sobre como eles reagem nestes momentos de manifestações da sexualidade das crianças, vejamos as falas dos professores entrevistados:

“[...] eu os chamei pra dentro da sala e conversei sobre isso aí, que a gente não podia ficar mostrando um pro outro, que a gente tinha curiosidade, mas que não era pra ficar mostrando, porque se a gente já tem guardado ali porque é uma coisa minha.” (ENTREVISTADO 3)

“Na verdade eu não podo, eu pergunto “ah tu tá namorando? Por quê? O que é namorar pra ti?”, a gente conversa assim, mas isso não é uma coisa que é discutida com todos os alunos. Em tal momento da atividade isso são fatos isolados que acontecem. Se está acontecendo lá no canto e a menina vem me dizer “o professora a menina tá de mão dada com o sicrano e tá dizendo que é namorado” é isso que acontece, daí você vai lá e pergunta “tá vocês estão namorando? Porque estão namorando? Como é que é?”, faz este tipo de pergunta, questionamentos assim.” (ENTREVISTADO 2)

“Se mais de um vê e faz um comentário fora do normal, eu procuro conversar e explicar o que é, mas se eles tratam com naturalidade, que eu estou percebendo que não houve nenhuma polêmica, daí eu nem comento, acho que não há necessidade. Mas quando existe uma polêmica, até no fato de dizer “eu não quero rosa porque é de menina”, geralmente eu converso [...] outro dia um menino e uma menina estavam de mãos dadas e o de trás disse “são namoradinhos”, eu disse “escuta aqui, você também não está de mão dada com o seu coleguinha e você é namorado dele?”, então não é porque estão de mãos dadas que são namorados, são colegas, tanto é que eu sempre procuro conversar com a turma, conversar com quem está envolvido no momento.” (ENTREVISTADO 4)

É evidente que os professores utilizam o diálogo como instrumento de apoio quando lidam com as manifestações de seus alunos. Consideramos que esta é a melhor atitude a ser tomada quando uma criança expressa sua sexualidade, afinal, reprimir a sexualidade da criança é reprimir o seu corpo, a sua relação consigo mesma e sua personalidade, porque não existe uma separação entre a sexualidade infantil e a adulta, existe, entretanto uma ligação e uma continuidade entre elas. (NUNES; SILVA, 2006).

É muito importante que as crianças nunca sejam levadas a pensar que desejamos fazer mais mistérios dos fatos da vida sexual do que qualquer outro assunto não acessível a sua compreensão, para nos assegurarmos disso, é necessário trabalhar assuntos ligados à sexualidade como os demais assuntos, sendo assim, a curiosidade da criança nunca atingirá uma intensidade exagerada se for adequadamente satisfeita a cada etapa de sua aprendizagem, e é dever das escolas não evitar a menção dos assuntos sexuais. (FREUD, 2006).

A escola deve estar ciente do seu papel diante das curiosidades da criança e de forma alguma evitar mencionar em assuntos relacionados à sexualidade. O professor deve tratar sobre tais assuntos com naturalidade, pois para a criança tudo não passa de uma questão de curiosidade ou imitação sem fundamentos. Então perguntamos aos professores se eles se consideram preparados para lidar com estas manifestações de sexualidade das crianças, vejamos o que eles o que eles responderam:

“Eu nunca me imaginei nesta cena, mas eu não saberia dizer qual seria a minha reação.” (ENTREVISTADO 1)

“Na verdade preparada a gente nunca está, o que acontece, por exemplo, vamos falar sobre sexualidade, tem que procurar a melhor forma pra falar sobre isto, de uma forma que você esclareça as coisas pra eles, e que não instigue ainda mais, não que instigar também seja uma coisa ruim porque não é, mas você tem que de certa forma esclarecer. Neste momento se chegar a acontecer alguma coisa, a gente vai tentar sair daquela situação, não desviar o assunto, porque o correto não é desviar o assunto, ao contrário, você tem que falar sobre aquilo com eles. Mas se tiver que falar eu acho que eu falo numa boa, penso eu, talvez a minha preparação não seja a melhor, mas eu vou tentar lidar com aquela situação.” (ENTREVISTADO 2)

“Não, não me considero, depende da situação. Eu acho que tem situações que a gente até sabe lidar, mas às vezes, quando a gente encara, é bem complicado.” (ENTREVISTADO 3)

Os entrevistados deixam claro que não se sentem preparados para lidar com as manifestações, porém, podemos perceber que uns buscam tomar as melhores atitudes nestes momentos dialogando sobre os acontecimentos e esclarecendo as curiosidades das crianças, enquanto outros acreditam que algumas situações são complicadas demais para serem encaradas tendo em vista o seu preparo para lidar com estas situações.

De acordo com Reich (1988), quando o educador se dispõe a enfrentar as tarefas que apresenta a educação da criança em desenvolvimento, dificilmente em

outro setor encontrará questões tão difíceis como no âmbito da educação sexual, é verdade que ela não pode ser separada da educação em geral, mas apresenta suas dificuldades especiais.

6.4 CATEGORIA C – A contribuição das aulas de Educação Física no desenvolvimento da sexualidade das crianças

De acordo com Camargo e Ribeiro (1999 apud CHAGAS, 2007), deveria existir nos currículos dos cursos de formação de professores, vivências e falas sobre sexualidade, afinal, o estudo da sexualidade não está relacionado com aprendizagem das estruturas genitais, mas sim no sentido de despertar as possibilidades do corpo e das emoções. Neste sentido, questionamos os professores sobre como eles acham que as aulas de Educação Física podem contribuir na sexualidade das crianças, segue abaixo o relato de alguns entrevistados:

“Pode contribuir através de exercícios, através da conversa, porque é onde os alunos tem mais vivência com o professor.” (ENTREVISTADO 1)

“Com bastante conversa, diálogo eu acho que é tudo. E contato físico, fazer as crianças perderem aquele medo de se tocar, tem muita criança que é insegura, não deixa ninguém encostar, tem aquele medo de se tocar.” (ENTREVISTADO 3)

“Primeiro que como a gente trabalha junto, não separa meninos das meninas, já começa por aí, deles se respeitarem. Na questão física eu acho que é um pouco mais difícil às vezes, porque os meninos geralmente são mais fortes, então pra eles compreenderem [...] às vezes eles não aceitam a menina, porque a menina é mais pacata, lenta, não é tão rápida, então eu vou trabalhando estas questões primeiro, porque só pelo fato de trabalhar os gêneros juntos a gente já está lidando com isto, como na Educação Física tem contato, buscar perder este preconceito[...] Então só pelo fato de estar junto, a gente já trabalha estas questões, e quando a gente brinca de musiquinha e tal, qual parte do corpo “tem que botar a mão na bunda”, a gente trata isso com naturalidade.” (ENTREVISTADO 4)

O professor de Educação Física normalmente, é o professor preferido dos alunos devido ao fato de conversar abertamente sobre todos os assuntos com seus alunos, e por suas aulas gerarem muitos movimentos e contato de um corpo com o outro. Por este motivo, a Educação Física é considerada uma disciplina dinâmica, com bastante contato físico e também social, pois os alunos de certa forma interagem uns com os outros mais nestas aulas do que nas demais.

Sendo assim, por meio das falas dos professores podemos constatar que a contribuição desta disciplina em relação ao desenvolvimento da sexualidade normalmente está ligada aos diálogos entre professor e alunos e nos contatos físicos e interações entre os próprios alunos, entretanto, somente nas aulas em que todos os alunos participam da mesma forma, sem distinção de gêneros. Ao questionar se eles consideravam importante esclarecer dúvidas a respeito de sexualidade para crianças nas aulas de Educação Física, os professores relataram o seguinte:

“Eu acho que tem que ser esclarecido, porque senão eles acabam criando uma mentira dentro deles, eles precisam saber o que realmente acontece, porque que eles estão sentindo isso, e que isso não é anormal. Porque às vezes tem gente que põe pra fora, que fala, e tem criança que não fala, que fica com aquilo dentro dela. Pra quem fala talvez seja mais fácil lidar com isto, mas quem não fala, quem não sabe, as vezes acha que é anormal, que aquilo que tá acontecendo com ela é pecado, porque em casa falam que é pecado, porque tem muito esta coisa da religião [...]” (ENTREVISTADO 2)

“Acho bem importante, porque acho que quebra alguns mitos, algumas coisas que eles trazem de casa, ou da rua mesmo, às vezes algumas coisas que eles veem antes do tempo, antes de terem a idade eles já estão sabendo, porque passa na televisão, é uma coisa que vê na rua ou em casa, e isso vai mudando a cabeça deles, principalmente em relação à questão do sexo mesmo, que tem crianças que já sabem o que é.” (ENTREVISTADO 4)

Os entrevistados em sua maioria acreditam na importância de esclarecer as dúvidas das crianças e compreendem que não há necessidade em instigar a curiosidade das crianças, mas sim, conforme Feltrin (2003), promover o esclarecimento e a problematização de questões que favoreçam a reflexão das

informações, emoções e valores recebidos e vividos no decorrer da história de cada um, os quais mal orientados prejudicam o desenvolvimento de suas potencialidades. O mesmo autor ressalta ainda, a importância de se abordar a sexualidade da criança, não somente em seus aspectos biológicos, mas também, e principalmente, em seus aspectos sociais, culturais e psíquicos.

Porém, nem todos os professores tem a mesma opinião, Freud (2000 apud SILVA, 2001), então nos questiona sobre que propósito se visa atingir negando às crianças esclarecimentos sobre a vida sexual dos seres humanos, será por medo de despertar prematuramente seu interesse por estes assuntos, antes que o mesmo manifeste-se de forma espontânea? Seria na esperança de que o ocultamento pudesse retardar o aparecimento do instinto sexual, até que este possa encontrar seu caminho pelos únicos canais que lhe são abertos em nossa sociedade? Acreditamos que as crianças não se interessarão pelos fatos e mistérios da vida sexual, e não os compreenderão, se não forem impelidos as influências externas? Será possível que o conhecimento que lhes é negado não as alcançará por outros meios? Ou se pretende que mais tarde elas venham a considerar degradante e desprezível tudo que se relacione com o sexo, pois pais e professores quiseram mantê-las afastadas dessas questões o maior tempo possível?

O professor desconversando ou se silenciando estará dando a entender que esse assunto não deve ser debatido na escola, e essa atitude tende a encorajar a criança a buscar outras fontes de informações para esclarecer suas dúvidas sobre o que está acontecendo com o seu corpo e com sua vida. Portanto, sempre que possível é importante conversar com a criança de um jeito bem tranquilo sobre suas aflições. Segundo Figueiró (2006), sempre que houver oportunidade, além de responder a pergunta do aluno, o professor deve propor uma conversa sobre sexualidade, entretanto, o que normalmente acontece no contexto escolar é o contrário, a criança que pergunta tende a ser repreendida.

Os professores entrevistados compreendem a importância do esclarecimento sobre sexualidade para crianças. Durante uma entrevista um professor relatou algumas manifestações da sexualidade de crianças em suas aulas e sua atitude diante das situações, vejamos suas falas:

“Eu lembro uma vez que nós estávamos na areia, e acho que foi um menino que desenhou um pênis bem direitinho, e daí as meninas falaram alguma

coisa em relação e eu expliquei o que era, então eu usei aquilo pra explicar que os meninos tem isto, as meninas tem outro órgão reprodutor, pra eles geralmente eu falo que o órgão é usado pra fazer xixi, que os meninos são diferentes das meninas. Quando surge a oportunidade eu procuro trabalhar.” (ENTREVISTADO 4)

“Outro dia um menino estava cismando em querer ver as “tetinhas” das meninas, aí nós começamos a questionar que é tudo igual, só vai mudar quando ficarem moças, vão ter os seios iguais aos da professora, explicamos pra ele, porque é tudo igual, claro que eu não ia mandar as meninas levantar a blusa porque até ela não iam querer, mas se quisessem também, seria só pra mostrar que é tudo igual, não tem diferença.” (ENTREVISTADO 4)

O professor entrevistado tomou a melhor atitude nos dois momentos, no primeiro momento o professor compreendeu que a melhor alternativa seria esclarecer a função dos órgãos genitais e as diferenças sexuais entre os gêneros ao invés de alarmar as crianças sobre o desenho, e no segundo momento, quando o menino teve curiosidade sobre o corpo do sexo oposto, o professor não oprimiu o aluno por sua atitude, mas novamente aproveitou a oportunidade e explicou as diferenças corporais de cada gênero. Nestes momentos é interessante aproveitar a oportunidade e problematizar questões de gênero, buscando desconstruir algumas condições postas pela sociedade ou pela própria cultura, que definem quais são as atitudes próprias de menina e de menino, possibilitando assim, o questionamento do tema em questão pelas próprias crianças.

Sabendo que expressão corporal é uma forma de manifestação de sexualidade perguntamos aos entrevistados de que forma eles percebem a expressão corporal em suas aulas, e se eles procuraram valorizar a expressão corporal nas atividades desenvolvidas, observamos seus respectivos relatos:

“Tem muita brincadeira de contar histórias, eles têm que contar as historinhas, eu começo e eles vão terminando, daí cada um conta a história de uma forma, eu acho que isso valoriza de certa forma o que cada um expressa. Eu não viso coordenação motora, eu viso o outro lado, o lado social de falar o que sente e de criar histórias.” (ENTREVISTADO 3)

“Sim, principalmente nas cantigas, que “põe a mão ali, põe a mão na cabeça”, e também nas brincadeiras que tem que tocar, na massagem, no contato corporal, na brincadeira que tenha o toque, que geralmente sempre tem algum que leva pra malícia [...] mas são poucos..” (ENTREVISTADO 4)

De acordo com a maioria dos professores entrevistados a expressão corporal pode ser percebida por meio de brincadeiras que envolvam o contato corporal ou em que a criança possa expressar sua criatividade por meio de uma brincadeira com histórias, como um entrevistado menciona.

Porém, um dos pesquisados confessa que deveria se organizar para perceber a expressão corporal das crianças em suas aulas, e quando o assunto é atividade que valorize a expressão corporal de seus alunos o professor acaba deixando a desejar, vejamos o seu relato:

“Nunca parei pra pensar nisso, até algumas vezes a gente para, olha e observa, mas parar mesmo assim, não. Eu acho que a gente deveria se organizar, e pensar hoje eu vou me deter nisso aqui, observar pra ver mesmo em qualquer atividade, hoje eu vou ver a expressão corporal. Mas a gente nunca para pra perceber este lado, eu pelo menos não parei ainda uma aula pra ficar só observando e nem tinha me tocado quanto à expressão.” (ENTREVISTADO 1)

Tratando ainda sobre expressão corporal, perguntamos aos entrevistados se eles conseguem perceber se a linguagem do movimento demonstra a cultura vivenciada pelo aluno, e em caso positivo, de que forma eles conseguiam evidenciar, vejamos suas respostas:

“Dá de observar bastante, pelo modo deles se expressarem, muitas vezes até no pegar uma bola, no correr, no brincar com o colega. Dá pra perceber a convivência em casa com os pais nas palavras deles, porque o que tem de palavrão é um absurdo, alguns dizem assim “ah, porque o meu pai em casa diz, minha avó diz, minha mãe diz”.” (ENTREVISTADO 1)

“Eles repetem tudo que tem em casa, o jeito que eles falam, o que eles falam, bater um no outro quanto às crianças mais agressivas, aqueles que são mais

calmos, tudo é reflexo de casa, até do professor, como a gente conversa com eles, como a gente age, eles repetem.” (ENTREVISTADO 3)

Os entrevistados ressaltam o modo de falar e o vocabulário utilizado pelos alunos como uma forma de evidenciar a cultura onde o mesmo vive, porém, os pesquisados comentam que todas as ações das crianças são reflexos do que elas veem, ouvem e vivem em seu ambiente familiar, sendo assim, é possível constatar a cultura vivenciada pela criança por meio das suas atitudes, sejam elas agressivas ou tranquilas.

Um dos pesquisados destaca as diferenças das crianças que costumam brincar na rua das crianças que são superprotegidas pelos pais, obsevamos sua fala:

“Dá pra perceber as crianças que estão sempre na rua, porque elas já são mais espertas para certas atividades, e se é um jogo que precisa de estratégia e concentração de repente eles já demonstram dificuldades, mas para capacidade física, agilidade e força, como eles estão sempre na rua, acostumados a brincar na rua, a se virar sozinho [...] porque tem aquele que é mais cuidado, que fica mais em casa com os pais, eu acho que eles dependem mais do pai e da mãe, de fazer alguma coisa, e estes outros não, estes outros são mais evoluídos neste lado. Já em compensação da concentração e de entender as coisas mudam, a criança que está mais em contato com o pai e com a mãe entende mais fácil, compreende, consegue ter a solução, ter o seu pensamento, enquanto estes outros não, eu acho que é mais pro físico mesmo, motor.” (ENTREVISTADO 4)

Podemos perceber que o entrevistado caracteriza dois tipos de alunos, aqueles que têm mais contato com os pais e aqueles que passam a maior parte do seu tempo brincando na rua e conseqüentemente tem menos contato com os pais. O pesquisado argumenta sobre a facilidade destes alunos que tem mais contato com os pais tanto para aprender conteúdos que exijam raciocínio e concentração, quanto para compreender as soluções diante de problemáticas e formar seu próprio pensamento, enquanto os alunos que costumam passar a maior parte do seu tempo na rua brincando com os amigos e tem menos contato com seus pais, possuem mais dificuldades neste sentido, porém possuem maior habilidade em suas capacidades

físicas, agilidade e força, e são mais independentes dos pais, pois estão acostumados a “se virar sozinhos”.

Tendo em vista os relatos dos professores, podemos observar que a expressão corporal é visível nas aulas de Educação Física, entretanto, alguns professores não possuem conhecimento suficiente para preparar atividades em que a expressão corporal possa ser abordada e valorizada em suas aulas.

7 CONCLUSÃO

O tema “sexualidade” ainda é considerado um tabu tanto no ambiente familiar quanto no contexto escolar, e por isto dificilmente é discutido entre pais e filhos ou professor e alunos, entretanto, a sexualidade é um tema recorrente na vida da criança, porque se apresenta como um enigma para ela. É importante que professores e pais estejam preparados para lidar com questões relacionadas à sexualidade de uma forma natural, pois quando a criança é oprimida ao perguntar ou imitar alguma expressão da sexualidade, ela entende que este é um assunto proibido e que não deve ser discutido, assim ela constrói uma falsa visão sobre o verdadeiro sentido de sexualidade. Quando não esclarecida, a criança pode ter seu desenvolvimento prejudicado e a falta de esclarecimento pode causar consequências na sua vida, em seu aspecto social e emocional.

Os estudos realizados durante esta pesquisa nos permitiram compreender que as aulas de Educação Física, principalmente, se baseadas na perspectiva crítico-emancipatória têm condições de contribuir no desenvolvimento da sexualidade das crianças através de diálogos e esclarecimentos, portanto, a melhor forma de lidar com manifestações da sexualidade da criança é conversar tranquilamente sobre suas dúvidas, seus medos e curiosidades.

Constatamos a presença de outra contribuição por meio do movimento, contato físico e interação, portanto, a criança pelo movimento pode expressar sua cultura, suas ideias, sentimentos e valores, e por meio do contato físico e interação ela pode aprender a se relacionar com crianças do mesmo sexo ou do sexo oposto, valorizando a prática sem preconceitos por gêneros. Portanto, constatamos que a Educação Física têm suas maneiras de contribuir no desenvolvimento da sexualidade das crianças, com esclarecimentos, diálogos, pela expressão corporal e pelo contato corporal com crianças do sexo oposto.

Esta pesquisa nos possibilitou conhecer por meio dos relatos dos professores, as diversas maneiras da criança manifestar sua sexualidade, desde suas demonstrações de afetividade até a descoberta do corpo do outro. Permitiu-nos compreender que a maioria dos professores lidam com situações relacionadas à sexualidade com pouco conhecimento, mas com muito cuidado e atenção, o que consideramos uma boa iniciativa por não ignorar e silenciar diante do fato, ou recriminar e punir a criança. Podemos compreender que as crianças expressam

seus sentimentos, medos e desejos por meio de suas atitudes, porém, os professores desenvolvem poucas atividades que realmente possam valorizar a expressão corporal dos seus alunos.

Percebemos que no decorrer dos tempos as crianças criam um distanciamento com crianças do sexo oposto, entretanto há diversos fatores que geram este distanciamento. Um dos motivos é o fato dos professores incentivarem o preconceito por meio de atividades nas quais há a divisão de gêneros, pois o preconceito por gênero não é algo que nasce na criança, por isso ele é pouco visível na educação infantil e séries iniciais e passa a ser construído com o decorrer do tempo. Outro possível motivo é o desenvolvimento do aluno no decorrer do tempo, porque a criança se transforma em pré-adolescente e logo em adolescente, e estas são fases em que eles sentem vergonha de seu corpo, de suas transformações e mais ainda de indivíduos do sexo oposto. Mas na educação infantil e séries iniciais existe pouco preconceito por gêneros ou sexualidade, o preconceito que prevalece é aquele em relação à força ou habilidade.

Com esta pesquisa foi possível constatar que os professores pesquisados não sentem medo de falar sobre sexualidade e conseguem diferenciar muito bem seus conceitos. No entanto, compreendemos que falar sobre sexualidade com os alunos é importante para desvelar a falsa ilusão que eles constroem sobre sexualidade a partir do que veem e ouvem na mídia, no ambiente familiar ou até mesmo no ambiente escolar.

É importante que pais e educadores estejam atentos no comportamento das crianças e ocorra sempre uma relação de amizade, compreensão e respeito, entre eles. Que os professores procurem estudar mais sobre este assunto tendo em vista que a maioria dos professores não se sentem preparados para argumentar ou discutir sobre o assunto com seus alunos.

Para uma melhor compreensão dos dados seria necessário um estudo aprofundado sobre as manifestações da sexualidade, acompanhando as aulas, identificando a forma como as crianças expressam sua sexualidade e observando como os docentes lidam com as situações. Também seria viável que esta pesquisa fosse realizada com professores de Educação Física de creches, no entanto, a única creche do município de Meleiro não possui professor de Educação Física.

REFERÊNCIAS

BARROS, Aidil da Silveira Barros; LEHFELD, Neide Aparecida de Souza. **Fundamentos de metodologia: um guia para iniciação científica**. 2.ed. São Paulo: Makron Books, 2000. 122 p.

BISCOLI, C.; FAVARÃO, N.R.L.; FEITEN, R.H.; SOUZA, A.C.P.; PERPÉTUO, C.L. **Sexualidade em sala de aula: um estudo da produção de sentidos**, 2005. Disponível em: < <http://revistas.unipar.br/saude/article/viewFile/219/193>> Acesso em: 23 mar. 2012.

BRACHT, Valter. **Educação física e aprendizagem social**. Porto Alegre: Magister, 1992. 122 p.

BRASIL. **Estatuto da Criança e do Adolescente**. Lei 8.069 de 13 de Julho de 1990. Brasília, Distrito Federal: Senado Federal. 1990

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Referencial curricular nacional para a educação infantil / Ministério da Educação e do Desporto, Secretaria de Educação Fundamental**. – Brasília: MEC/SEF, 1998.

CAMARGO, Ana Maria Faccioli de; RIBEIRO, Claudia. **Sexualidade(s) e infância(s): a sexualidade como um tema transversal**. São Paulo: Moderna; Campinas, SP: editora da Universidade de Campinas, 1999

CHAGAS, Juliana Torres das. **Gênero e sexualidade na educação infantil**. Disponível em: <<http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?code=000414211&opt=4>> Acesso em 08 jun. 2012.

CIABARATTI, Milene Aparecida Elias. **Cidadania e o Estatuto da Criança e do Adolescente: uma leitura na escola**. Disponível em: <http://tede.unoeste.br/tede/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=213> Acesso em: 01 nov. 2011.

COHN, Clarice. **Antropologia da criança**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 2005.

COLETIVO DE AUTORES. **Metodologia do ensino da educação física**. São Paulo: Cortez, 1992

DARIDO, Suraya Cristina. **Educação física na escola: questões e reflexões**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2003. 91 p. ISBN 8527708361

ESCARIÃO, Andréia Dutra. **O que pensa a criança pequena sobre a escola infantil?** Disponível em: <<http://www.ce.ufpb.br/ppge/Dissertacoes/dissert09/ANDR%C9IA%20DUTRA%20E%20SCARI%C3O/Disserta%E7ao-AndreiaEscario.pdf>> Acesso em: 02 mai. 2012.

FELTRIN, Marisa Soares Gonçalves. **Educação Sexual: Uma proposta de ensino.** Criciúma: Dias, 2003. 100 p.

FIGUEIRÓ, Mary Neide Damico. **Formação de educadores sexuais: adiar não é mais possível.** Campinas, SP: Mercado das Letras; Londrina, PR: Eduel, 2006.

FREUD, Sigmund. **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud.** Ed. Standart Brasileira. Vol. IX. Rio de Janeiro: Imago, 2006.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade: a vontade de saber.** 14 ed. Rio de Janeiro: Graal, 2001. v.1

HERNÁNDEZ SAMPIERI, Roberto; FERNÁNDEZ COLLADO, Carlos; BAPTISTA LUCIO, Pilar. . **Metodologia de pesquisa.** 3. ed São Paulo: McGraw-Hill, 2006. 583p.

HESS, Ernest. **A sexualidade na educação global – orientação para pais e mestres.** São Paulo, 1986.

KEHL, Maria Rita. BORTOT, Os mistérios do desejo. **Ciência hoje na escola,** Rio de Janeiro, v.2, p.12-15, 2001.

KRAMER, Sonia. **Infância e educação infantil.** Campinas: Papyrus, 1999. 280 p.

KUNZ, Elenor. **Transformação didático-pedagógico do esporte.** 7. ed Ijuí, RS: UNIJUÍ, 2006. 160 p.

LINCZUCK, Edson Luiz. **Formação em Educação física: concepções e áreas de intervenção expressas nos cursos de graduação de Curitiba.** Disponível em: <http://tede.utp.br/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=117> Acesso em: 03 nov. 2011.

MATTOS, Lara Azevedo. **Políticas públicas de formação do professor de Educação Física: sua contribuição para a Educação Inclusiva.** Disponível em: <http://btdtd.unicid.br/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=48> Acesso em: 03 nov. 2011.

MEYER, Dagmar Estermann. **Saúde e sexualidade na escola.** Porto Alegre: Mediação, 1998. 175 p. (Cadernos Educação Básica 4)

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **Pesquisa social: teoria, método e criatividade.** 6. ed. Petropolis, RJ: Vozes, 1996. 80 p.

NUNES, César; SILVA, Edna. **A educação sexual da criança: subsídios teóricos e propostas práticas para uma abordagem da sexualidade para além da transversalidade.** Campinas, SP: Autores Associados, 2006.

_____. **As manifestações da sexualidade da criança: desafios teóricos e subsídios didáticos para pais e educadores.** Campinas, Sp: Século XXI 1997. (Coleção Sexualidade e Educação).

_____. **Sexualidade(s) adolescentes(s):** uma abordagem didática das manifestações da sexualidade na adolescência. Florianópolis: Sophos, 2001. 156 p.

PATINÕ, Joana Fontes. **Compreendendo como as crianças significam o direito de brincar.** Disponível em:
<http://bdtd.bczm.ufrn.br/tesdesimplificado//tde_busca/arquivo.php?codArquivo=3484
> Acesso em: 01 nov. 2011

REICH W. **A Revolução Sexual.** Rio de Janeiro: Zahar, 1988.

ROCHA, Rita de Cássia Luiz da. **História da infância:** reflexões acerca de algumas concepções correntes. Disponível em:
<http://www.cepetin.com.br/pdf/a_historia_da_infancia.pdf > Acesso em: 01 nov. 2011.

RODRIGUES, Judite F. **Corporeidade e Aprendizagem.** Disponível em:
<<http://www.webartigos.com/artigos/corporeidade-e-aprendizagem/14042/>> Acesso em: 07 mai. 2012.

RUDIO, Franz Victor. **Introdução ao projeto de pesquisa científica.** 29 ed. Petrópolis: Ed. Vozes, 2001. 120 p.

SILVA, Edna Aparecida da. **Filosofia, Educação e Educação Sexual :** matrizes filosóficas e determinações pedagógicas do pensamento de Freud, Reich e Foucault para a abordagem educacional da sexualidade humana. Disponível em:
<<http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?code=vtls000239672> Acesso em: 08 jun. 2012.

SILVA, Simone do Prado. **Sexualidade Infantil: o que fazer?** Um olhar para o trabalho pedagógico na educação infantil. Disponível em:
<<http://www.uel.br/ceca/pedagogia/pages/arquivos/SIMONE%20DO%20PRADO%20SILVA.pdf> > Acesso em: 08 jun. 2012.

SILVEIRA, Jennifer Martins. **Manifestação da sexualidade da criança na educação infantil:** estranhamentos e desafios. Disponível em:
<http://tede.biblioteca.ucg.br/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=827> Acesso em: 31 out. 2011.

SOUZA, Hália Pauliv de. **Orientação sexual:** conscientização, necessidade e realidade. Curitiba, PR: Juruá, 1999. 141 p.

TEVES, Nilda (Org.). **Imaginário social e educação.** Rio de Janeiro: Gryphus, 1992.

TOCKUS, Rosalind B. **Sexualidade nos dias de hoje.** São Paulo: Ágora, 1986. 111 p.

TUCKMANTEL, Maysa Maganha. **A educação sexual: mas qual?** Diretrizes para a formação de professores em uma perspectiva emancipatória. Disponível em:

<<http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?code=000449683&opt=4>>
Acesso em: 02 mai. 2012.

APÊNDICE

APÊNDICE A

ROTEIRO DE ENTREVISTA

- 1- O que você entende por sexo e sexualidade?
- 2- Durante suas aulas você já presenciou momentos como: aluno conhecendo o próprio corpo ou o corpo do colega, acariciando ou beijando outra criança, questionando a respeito de algum fenômeno da sexualidade ou imitando alguma expressão relacionada à sexualidade (gravidez, relação sexual, etc.)?
- 3- Quando esta manifestação de sexualidade aconteceu, como você reagiu no momento?
- 4- Você se considera preparado para lidar com estas manifestações de sexualidade das crianças?
- 5- Você acredita que a sexualidade é um assunto que deve ser desenvolvido ou ao menos esclarecido nas aulas de Educação Física?
- 6- Você sente medo em falar sobre sexualidade em suas aulas? Por quê?
- 7- Como você acha que as aulas de Educação Física podem contribuir na sexualidade das crianças?
- 8- Você considera importante esclarecer dúvidas a respeito de sexualidade para crianças nas aulas de Educação Física? Por quê?
- 9- Há preconceitos por gênero em suas aulas? De que forma?
- 10- De que forma você percebe a expressão corporal em suas aulas? Você já procurou valorizar a expressão corporal em suas atividades desenvolvidas? De que forma?
- 11- Você consegue perceber se a linguagem do movimento demonstra a cultura vivenciada pelo aluno? De que forma?

APÊNDICE B

QUADRO 1 - VIDA PROFISSIONAL DOS PROFESSORES ENTREVISTADOS

	PROFESSORES ENTREVISTADOS			
	ENTREVISTADO 1	ENTREVISTADO 2	ENTREVISTADO 3	ENTREVISTADO 4
IDADE	54 anos	27 anos	24 anos	42 anos
FORMAÇÃO	Educação Física Plena - 1982	Educação Física Plena -2007	Educação Física Licenciatura - 2010	Educação Física Plena - 1989
INSTITUIÇÃO	FUCRI - UNESC	UNESC	UNESC	FUCRI – UNESC
CONCURSADO OU CONTRATADO	Concursado	Contratado	Contratado	Concursado
REDE DE ENSINO EM QUE ATUA	Estadual	Municipal	Municipal	Municipal
TEMPO DE SERVIÇO	27 anos	8 anos	4 anos	24 anos
CARGA HORÁRIA DE TRABALHO EM ESCOLAS	40 horas em uma escola da rede estadual	20 horas em uma escola da rede municipal	30 horas em duas escolas da rede municipal	40 horas na rede municipal
POSSUI OUTRO EMPREGO, QUAL?	Sim, é treinador de voleibol na rede municipal.	Sim, é orientadora do clube de idosos do município, e proprietária de uma academia.	Sim, ministra aulas de jump e ginástica em uma academia.	Não

QUADRO 2 - DADOS LEVANTADOS

1 - O que você entende por sexo e sexualidade?
<p>ENTREVISTADO 1 – Sexo é a diferença que existe no corpo do homem e da mulher, e sexualidade pra mim é a convivência, o pensamento e a expressão.</p> <p>ENTREVISTADO 2 – Sexo pra mim é o ato de fazer a relação, e sexualidade é tudo que envolve e precede isso, todas as formas de expressão.</p> <p>ENTREVISTADO 3 – Sexo pra mim é o ato de transar, e sexualidade é o outro lado, é o lado de se conhecer sexualmente.</p> <p>ENTREVISTADO 4 – Sexualidade pra mim é tudo, desde a expressão, a maneira da pessoa se expressar, envolve desde a vestimenta, como as crianças veem este lado de menino e menina, o respeito, pra mim tudo isso entra na sexualidade, as diferenças e o respeito entre os sexos. Sexo acho que já é mais a relação mesmo, de namorados ou marido e mulher.</p>
2 - Durante suas aulas você já presenciou momentos como: aluno conhecendo o próprio corpo ou o corpo do colega, acariciando ou beijando outra criança, questionando a respeito de algum fenômeno da sexualidade ou imitando alguma expressão relacionada à sexualidade (gravidez, relação sexual, etc.)?
ENTREVISTADO 1 – Eu ouvi comentários de alunos, porque eles comentam e até chegam se

escondem pra se beijar, mas os “pequenininhos” são mais de namorinho, de amiguinho, de ter bastante convivência, mas não de se beijar assim, apenas comentários de paquerinhas mesmo.

ENTREVISTADO 2 – Tendo esse tipo de expressão em relação a acariciar, beijar o colega, abraçar e pegar na mão, isso acontece direto, com frequência. Eu trabalhei pouco tempo com o pré, e no pré isso acontece com mais frequência esta coisa de curiosidade, [...] o que acontece com frequência é o beijo no rosto do colega, pegar na mão e dizer que tá namorando ou que é namorado.

ENTREVISTADO 3 – Várias vezes, uma vez eu estava dando aula, eu estava dentro da sala de aula, e os alunos estavam na rua brincando, e daí eu escutei “mostra, mostra” daí eu, “meu deus”, fui lá fora e eles estavam se conhecendo, as meninas mostravam e os meninos não mostravam, e elas queriam que eles mostrassem porque elas não conheciam.

ENTREVISTADO 4 – Já, mais na linha de imitar [...] acontece mais esta questão de imitar o bebê, a grávida, falando de namoro, falando “ai, meu namoradinho”, também o preconceito em relação à cor, “ah não quero isso porque é rosa” e “a cor azul é de menino”. Quando tem aluno que é repetente, que já está fora da idade daquela turma, já aconteceu um dia de eu escutar um menino falar “o fulano, leva ela pra casa e vai dormir”, uma coisa assim “leva ela pra dormir contigo”.

3 - Quando estas manifestações de sexualidade acontecem/aconteceram como você reage/reauiu no momento?

ENTREVISTADO 1 – Eu começo a brincar com eles e dizer que ainda não é tempo, que eles ainda têm que aprender a “limpar a bunda”, e que eles vão ter bastante tempo pra eles poderem vivenciar isto.

ENTREVISTADO 2 – Na verdade eu não podo, eu pergunto “ah tu tá namorando? Por quê? O que é namorar pra ti?”, a gente conversa assim, mas isso não é uma coisa que é discutida com todos os alunos. Em tal momento da atividade isso são fatos isolados que acontecem, assim se está acontecendo lá no canto e a menina vem me dizer “o professora a menina tá de mão dada com o sicrano e tá dizendo que é namorado” é isso que acontece, daí você vai lá e pergunta “tá vocês estão namorando? Porque estão namorando? Como é que é?” faz este tipo de pergunta, questionamentos assim.

ENTREVISTADO 3 – Aí eu os chamei pra dentro da sala e conversei sobre isso aí, que a gente não podia ficar mostrando um pro outro, que a gente tinha curiosidade, mas que não era pra ficar mostrando, a gente já tem guardado ali porque é uma coisa minha.

ENTREVISTADO 4 – Se mais de um vê e faz um comentário fora do normal, eu procuro conversar e explicar o que é, mas se eles tratam com naturalidade, que eu estou percebendo que não houve nenhuma polêmica, daí eu nem comento, acho que não há necessidade. Mas quando existe uma polêmica, até no fato de dizer “eu não quero rosa porque é de menina”, geralmente eu converso. Quando dois meninos se pegam nas mãos e um colega os chama de namoradinhos, outro dia um menino e uma menina estavam de mãos dadas e o de trás disse “são namoradinhos”, eu disse “escuta aqui, tu também não tá de mão dada com o teu coleguinha, tu é namoradinho dele?”, então não é porque estão de mãos dadas que são namorados, são colegas, tanto é que eu sempre procuro conversar com a turma, conversar com quem está envolvido no momento.

4 - Você se considera preparado para lidar com estas manifestações de sexualidade das crianças?

ENTREVISTADO 1 – Eu nunca me imaginei nesta cena, mas eu não saberia dizer qual seria a minha reação.

ENTREVISTADO 2 – Na verdade preparada a gente nunca está, o que acontece, por exemplo, vamos falar sobre sexualidade, tem que procurar a melhor forma pra falar sobre isto, de uma forma que você esclareça as coisas pra eles, e que não instigue ainda mais, não que instigar também seja uma coisa ruim porque não é, mas você tem que de certa forma esclarecer. Neste momento se chegar e se acontecer alguma coisa, a gente vai tentar sair daquela situação, não desviar o assunto, porque o correto não é desviar o assunto, ao contrário, você tem que falar sobre aquilo com eles. Mas se tiver que falar eu acho que eu falo numa boa, penso eu, talvez a minha preparação não seja a melhor, mas eu vou tentar lidar com aquela situação.

ENTREVISTADO 3 – Não, não me considero, depende da situação. Eu acho que tem situações que a gente até sabe lidar, mas às vezes quando a gente encara, é bem complicado.

ENTREVISTADO 4 – Sim.

5 - Você acredita que a sexualidade é um assunto que deve ser desenvolvido ou ao menos

<p>esclarecido nas aulas de Educação Física?</p> <p>ENTREVISTADO 1 – Eu sempre achei que deve ser esclarecido em qualquer atividade, porque principalmente na Educação Física você vai aprender que você meche com o corpo e o corpo é uma forma de se expressar, até porque se você está jogando, está correndo, está brincando, você está se tocando.</p> <p>ENTREVISTADO 2 – Eu acho que sim, que deve, mas na minha escola isso acaba ficando pra psicóloga. Porque na verdade, eu vejo que a gente tem um maior entendimento do que os outros professores com relação a isto, entendimento entre aspas, porque a gente acaba falando mais sobre isto, porque a gente tem uma abertura diferente com os alunos do que tem um professor de sala de aula. A gente tem muito professor que também vem neste ritmo dos pais, sabe que “deus o livre falar sobre isto”, que até tu ouve umas coisas do tipo que vai esclarecer para o filho como ele foi criado, inventa a historinha da cegonha ou outra historinha, que eu penso que não é o melhor caminho, porque hoje em dia é muita informação e se você não esclarecer ele vai descobrir pelo colega e é muito pior, porque assim tu tendo teu filho em casa e esclarecendo é muito mais fácil. E eu vejo que até alguns professores não conseguem sair desta situação de se abrir, então a gente pelo fato de estar tratando do corpo e ter mais conhecimento e o fato das atividades gerarem um certo contato do corpo um do outro, a gente tem que tratar sobre isso sim. Eu particularmente, nas minhas aulas eu posso dizer que eu falho bastante nisso, porque a gente não para uma aula pra falar sobre isso, apenas nestas brincadeiras do cotidiano em que você conversa com um aluno isolado, conversa com outro.</p> <p>ENTREVISTADO 3 – Com certeza, porque é uma curiosidade que toda criança tem, e que pode levar a muitas outras consequências. Como no caso da escola onde eu atuo, em que o menino estuprou o outro porque não conhecia, não tinha conhecimento, não tem conversa na escola, não tem conversa em casa, tem curiosidade, é a inocência isto aí.</p> <p>ENTREVISTADO 4 – Não respondeu.</p>
<p>6 - Você sente medo em falar sobre sexualidade em suas aulas? Por quê?</p> <p>ENTREVISTADO 1 – Não, quando há oportunidade a gente conversa sem problema nenhum.</p> <p>ENTREVISTADO 2 – Não, na verdade nesta escola que eu dou aula é uma escola de interior, e tem muitos tabus ainda, às vezes você para pra pensar e é até ridículo, mas é uma questão cultural. Eu dei aula aqui no centro e na escola que eu estou hoje que é no interior, então tem uma diferença muito grande sobre como o pessoal trata a sexualidade, nas séries iniciais e nas séries finais. É um tabu gigante assim, porque os pais são de interior e eles têm uma cultura super preservada, então os alunos não falam, mas eles têm aquela coisa dentro deles, uma curiosidade e você vê que eles precisam de alguém pra conversar. Nas turmas mais velhas a gente acaba falando mais sobre o assunto, do que nas novas, por uma questão de necessidade da fase em que eles se encontram [...]</p> <p>ENTREVISTADO 3 – Não, converso abertamente.</p> <p>ENTREVISTADO 4 – Não.</p>
<p>7 - Como você acha que as aulas de Educação Física podem contribuir na sexualidade das crianças?</p> <p>ENTREVISTADO 1 – Pode contribuir através de exercícios, através da conversa, porque é onde os alunos tem mais vivência com o professor.</p> <p>ENTREVISTADO 2 – Não respondeu.</p> <p>ENTREVISTADO 3 – Com bastante conversa, diálogo eu acho que é tudo. E contato físico, fazer as crianças perderem aquele medo de se tocar, tem muita criança que é insegura, não deixa ninguém encostar, tem aquele medo de se tocar.</p> <p>ENTREVISTADO 4 – Primeiro que como a gente trabalha juntos, não separa meninos das meninas, já começa por aí, deles se respeitarem. Na questão física eu acho que é um pouco mais difícil às vezes, porque os meninos geralmente são mais fortes, então pra eles compreenderem [...] às vezes eles não aceitam a menina, porque a menina é mais pacata, lenta, não é tão rápida, então eu vou trabalhando estas questões primeiro, porque só pelo fato de trabalhar os gêneros juntos a gente já está lidando com isto, como na Educação Física tem contato, buscar perder este preconceito. Me lembrei agora de outro dia um menino que estava cismando em querer ver as “tetinhas” das meninas, aí nós começamos a questionar que é tudo igual, só vai mudar quando ficarem moças, vão ter os seios igual o da professora, explicamos pra ele, porque é tudo igual, claro que eu não ia mandar as meninas levantar a blusa porque até ela não iam querer, mas se quisessem também,</p>

seria só pra mostrar que é tudo igual, não tem diferença. Então só pelo fato de estar junto, a gente já trabalha estas questões, e quando a gente brinca de musiquinha e tal, qual parte do corpo “tem que botar a mão na bunda”, a gente trata isso com naturalidade.

8 - Você considera importante esclarecer dúvidas a respeito de sexualidade para crianças nas aulas de Educação Física? Por quê?

ENTREVISTADO 1 – Não respondeu.

ENTREVISTADO 2 – Eu acho que tem que ser esclarecido, porque senão eles acabam criando uma mentira dentro deles, eles precisam saber o que realmente acontece, porque que eles estão sentindo isso, e que isso não é anormal. Porque às vezes tem gente que põe pra fora, que fala, e tem criança que não fala, que fica com aquilo dentro dela, pra quem fala talvez seja mais fácil lidar com isto, mas quem não fala, quem não sabe, as vezes acha que é anormal, que aquilo que tá acontecendo com ela é pecado, porque em casa falam que é pecado, porque tem muito esta coisa da religião, que é isso que acontece bastante lá nesta escola onde eu dou aula.

ENTREVISTADO 3 – Pra não levar a outras consequências mais graves, pra se conhecer, o nosso corpo, a gente tem que saber o que a gente vai enfrentar, hormônios etc.

ENTREVISTADO 4 – Acho bem importante, porque acho que quebra alguns mitos, algumas coisas que eles trazem de casa, ou da rua mesmo, às vezes algumas coisas que eles veem antes do tempo, antes de terem a idade eles já estão sabendo, porque passa na televisão, é uma coisa que vê na rua ou em casa, e isso vai mudando a cabeça deles, principalmente em relação à questão do sexo mesmo, que tem crianças que já sabem o que é. Eu lembro uma vez que nós estávamos na areia, e acho que foi um menino que desenhou um pênis bem direitinho, e daí as meninas falaram alguma coisa em relação, aí expliquei pra eles o que era, então eu usei aquilo pra explicar que os meninos tem isto, as meninas tem outro órgão reprodutor, pra eles geralmente eu falo que o órgão é usado pra fazer xixi, que os meninos são diferentes das meninas. Quando surge a oportunidade eu procuro trabalhar.

9 - Há preconceitos por gênero em suas aulas? De que forma?

ENTREVISTADO 1 – Tem, mas no sentido de brincar mesmo. Quando o aluno não quer o colega perto é mais pela classe social, porque ele é pobre, porque ele é negro, ou porque é sujo, não tomou banho.

ENTREVISTADO 2 – Sim, sempre existiu. Isso vem de berço deles, eu acho que é uma questão de força, mas eu percebo que nas turmas iniciais com menos frequência do que nas finais, e é a melhor fase pra se trabalhar esta questão.

ENTREVISTADO 3 – Existe, eles falam “ah porque é menina, não consegue” “menino joga futebol, menina joga isso”, já tem isso no pré-escolar. Já é determinado desde pequenos, porque eles observam os maiores na hora do recreio.

ENTREVISTADO 4 – Existe, nesta questão da força física, que os meninos geralmente querem jogar, brincar, participar e deixam sempre os mais fraquinhos, as meninas para trás, para depois, por último, porque eles querem os mais fortes e geralmente os meninos são mais rápidos e mais fortes. Existe mais em relação pelo colega que eles não gostam, por causa de outro motivo, do que por gênero, por gênero é pouco.

10 - De que forma você percebe a expressão corporal em suas aulas? Você já procurou valorizar a expressão corporal em suas atividades desenvolvidas? De que forma?

ENTREVISTADO 1 – Nunca parei pra pensar nisso, até algumas vezes a gente para, olha e observa, mas parar mesmo assim, não. Eu acho que a gente deveria se organizar, e pensar hoje eu vou me reter nisso aqui, observar pra ver mesmo em qualquer atividade, hoje eu vou ver a expressão corporal, mas a gente nunca para pra perceber este lado, eu pelo menos não parei ainda uma aula pra ficar só observando e nem tinha me tocado quanto à expressão.

ENTREVISTADO 2 – Não respondeu.

ENTREVISTADO 3 – Tem muita brincadeira de contar histórias, eles têm que contar as historinhas, eu começo e eles vão terminando, daí cada um conta a história de uma forma, eu acho que isso valoriza de certa forma o que cada um expressa. Eu não visio coordenação motora, eu visio o outro lado, o lado social de falar o que sente e de criar histórias.

ENTREVISTADO 4 – Sim, principalmente nas cantigas, que “põe a mão ali, põe a mão na cabeça”, e também nas brincadeiras que tem que tocar, na massagem, no contato corporal, na brincadeira que

tenha o toque, que geralmente sempre tem algum que leva pra malícia [...] mas são poucos.

11 - Você consegue perceber se a linguagem do movimento demonstra a cultura vivenciada pelo aluno? De que forma?

ENTREVISTADO 1 – Dá de observar bastante, pelo modo deles se expressarem, muitas vezes até no pegar uma bola, no correr, no brincar com o colega. Dá pra perceber a convivência em casa com os pais nas palavras deles, porque o que tem de palavrão é um absurdo, alguns dizem assim “ah, porque o meu pai em casa diz, minha avó diz, minha mãe diz”.

ENTREVISTADO 2 – Não respondeu.

ENTREVISTADO 3 – Eles repetem tudo que tem em casa, o jeito que eles falam, o que eles falam, bater um no outro quanto às crianças mais agressivas, aqueles que são mais calmos, tudo é reflexo de casa, até do professor, como a gente conversa com eles, como a gente age, eles repetem.

ENTREVISTADO 4 – Dá pra perceber as crianças que estão sempre na rua, porque elas já são mais espertas para certas atividades, e se é um jogo que precisa de estratégia e concentração de repente eles já demonstram dificuldades, mas para capacidade física, agilidade e força, como eles estão sempre na rua, acostumados a brincar na rua, a se virar sozinho [...] porque tem aquele que é mais cuidado, que fica mais em casa com os pais, eu acho que eles dependem mais do pai e da mãe, de fazer alguma coisa, e estes outros não, estes outros são mais evoluídos neste lado. Já em compensação da concentração e de entender as coisas mudam, a criança que está mais em contato com o pai e com a mãe entende mais fácil, compreende, consegue ter a solução, ter o seu pensamento, enquanto estes outros não, eu acho que é mais pro físico mesmo, motor.

ANEXO



UNIVERSIDADE DO EXTREMO SUL CATARINENSE



UNIDADE ACADÊMICA DE HUMANIDADES CIÊNCIAS E EDUCAÇÃO – UNA HCE

CURSO DE EDUCAÇÃO FÍSICA

CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

TEMA: A MANIFESTAÇÃO DA SEXUALIDADE DAS CRIANÇAS NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA

OBJETIVO: Verificar se a Educação Física contribui no desenvolvimento da sexualidade das crianças

Por favor, leiam atentamente as instruções abaixo antes de decidir se deseja participar do estudo.

O projeto Tema: “A MANIFESTAÇÃO DA SEXUALIDADE DAS CRIANÇAS NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA” deseja investigar como a Educação Física pode contribuir no desenvolvimento da sexualidade das crianças.

Justifica-se este projeto pela necessidade de novas evidências científicas para formação de professores.

1. Será realizada uma entrevista com os pesquisados, sendo os pesquisadores o orientador e o orientando.
2. Participarão do estudo apenas os voluntários selecionados que devolverem o termo de consentimento informado, autorizando a sua participação no estudo de forma voluntária.
3. Se houver alguma dúvida a respeito, favor contatar com o professor coordenador da pesquisa, professora Elisa Fátima Stradiotto pelo telefone (48-96088584) ou com a orientanda pelo telefone (99556596) ou pelo endereço eletrônico cheli_salvaro@hotmail.com.
4. O participante terá liberdade de encerrar a sua participação a qualquer momento no projeto, ficando apenas com o compromisso de comunicar um o responsável pelo projeto de sua desistência, para que a pesquisa não seja prejudicada.
5. O pesquisado autoriza a gravação de áudio ou vídeo durante a entrevista para melhor aproveitamento das respostas.
6. Caso concorde em participar desta pesquisa realizando as avaliações e o período de treinamento proposto pelo estudo, assine e entregue ao responsável este termo de consentimento. Este consentimento será arquivado juntamente com as demais avaliações.

Antecipadamente agradecemos a colaboração.

Prof. Elisa Fátima Stradiotto
Coordenador da pesquisa

Orientanda Crichele Salvaro
Responsáveis pelo desenvolvimento da pesquisa

Eu, _____ declaro-me ciente das informações sobre o estudo “A MANIFESTAÇÃO DA SEXUALIDADE DAS CRIANÇAS NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA” e concordo em participar como voluntário.

Assinatura do pesquisado (a)

Data: ____/____/____